

DOS MELHORES ROMANCISTAS



OS MENINOS
diabólicos

* INOUÉRITO *



Agua dulce

OS MELHORES ROMANCES DOS MELHORES ROMANCISTAS

- «TERRA BENDITA», por Pearl S. Buck — *Prémio Nobel de 1938* — (4.º edição).
- «OS MENINOS DIABÓLICOS», por Jean Cocteau — (3.º edição).
- «A ARANHA», por Henri Troyat — *Prémio Goncourt de 1938* — (2.º edição).
- «CAROLINA E A PARTIDA PARA AS ILHAS», por por Félix de Chazournes — *Prémio Fémina de 1938* — (2.º edição).
- «O DRAMA DE JOÃO BAROIS», por Roger Martin du Gard — *Prémio Nobel de 1937* — (7.º edição).
- «O MONTE DOS VENDAVAIS», por Emily Bronte — (4.º edição).
- «SANTA MISÉRIA», por Frans Eemil Sillanpaa — *Prémio Nobel de 1939* — (2.º edição).
- «A ESTEPE», por Anton Tchekoff — (3.º edição).
- «FILHOS REBELDES», por Philippe Hériat — *Prémio Goncourt de 1939* — (2.º edição).
- «SILJA», por Frans Eemil Sillanpaa — *Prémio Nobel de 1939* — (2.º edição).
- «O INGÊNUO», por Voltaire — (2.º edição).
- «A LOUCURA DE PERERONOV», por Fédor Sologub.
- «INFÂNCIA», por Leão Tolstoi.
- «A PAIXÃO DE JANE EYRE», por Charlotte Bronte — (5.º edição).
- «ADOLESCÊNCIA», por Leão Tolstoi.
- «A EQUIPAGEM», por J. Kessel.
- «A CASA E O MUNDO», por Rabindranath Tagore — *Prémio Nobel de 1913* — (2.º edição).
- «SILAS MARNER», por George Elliot.

- «A MÃE», por Pearl S. Buck — *Prémio Nobel de 1938* — (4.ª edição).
- «MULHERES SEM HOMEM», por Charles Oulmont.
- «JUSTIÇA!», por Ladislau Reymont — *Prémio Nobel de 1924* — (2.ª edição).
- «O NAUFRAGIO», por Rabindranath Tagore — *Prémio Nobel de 1913* — (2.ª edição).
- «O PRÍNCIPE COM ORELHAS DE BURRO», por José Régio — (3.ª edição).
- «O MÉDICO E O MONSTRO», por Robert Louis Stevenson.
- «AMOR QUE SANTIFICA», por Ivan Bunine — *Prémio Nobel de 1936*.
- «AS QUATRO VOZES», por Rabindranath Tagore — *Prémio Nobel de 1913*.
- «A LEI DOS COSSACOS» (Tarass Bulba), por Nicolau Gogol — (2.ª edição).
- «A CIDADE SEM HISTÓRIA» (*Cranford*), por Elizabeth Gaskell.
- «OS CAMINHOS DO AMOR» (*Shirley*), por Charlotte Bronte — (2.ª edição).
- «O RUIVO», por Jules Renard.
- «ESPECTROS», por Washington Irving.
- «OS CATIVOS», por J. Kessel.
- «ARMANCE», por Stendhal.
- «O PROFESSOR», por Charlotte Bronte.
- «UMA HEROINA», por Jacques de Lacretelle.
- «A ESTRADA DO TABACO», por Erskine Caldwell — (2.ª edição).
- «O FALECIDO MATIAS PASCAL», por Luigi Pirandello — *Prémio Nobel* — (2.ª edição).

OS MENINOS DIABÓLICOS

Composto e impresso na
Grafitécnica de José Faria Miranda
Av. Santa Joana Princesa, 12-B
Telef. 722988 :-: Alvalade :-: Lisboa

JEAN COCTEAU

OS MENINOS
DIABÓLICOS
(«LES ENFANTS TERRIBLES»)

(ROMANCE)

3.ª EDIÇÃO

Tradução e prefácio de
JOÃO GASPAR SIMÕES



EDITORIAL INQUÉRITO LIMITADA
LISBOA

PR
2605
015
E6166
19--



RESERVADOS TODOS OS DIREITOS DE TRADUÇÃO
E EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

INTRODUÇÃO A LEITURA DE «OS MENINOS DIABÓLICOS»

NAO sei qual é exactamente a posição de Os Meninos Diabólicos (esta me pareceu a melhor tradução do título intraduzível Les Enfants Terribles) na literatura francesa contemporânea, melhor: na história do romance francês contemporâneo. Albert Thibaudet, na sua Histoire de la Littérature Française, não se lhe refere particularmente. René Lalou, na Histoire de la Littérature Française Contemporaine, também não. O que não quer dizer que Jean Cocteau não ocupe nessas obras o lugar que lhe é devido.

Jean Cocteau é poeta, é autor dramático, é crítico impressionista. Jean Cocteau é também autor de espirituosíssimos desenhos. É director de cena.

Jean Cocteau é um artista inquieto e irrequieto. É um dos mais completos representantes da sensibilidade moderna.

Qualquer que seja, no entanto, a situação de Os Meninos Diabólicos na história da literatura francesa contemporânea—melhor, na história do romance francês contemporâneo—, o certo é esta obra ser um dos mais característicos romances da adolescência publicados modernamente na Europa. Com o Grand Meaulnes, de Alain Fournier, as obras de Radiguet e certos romances ingleses, Os Meninos Diabólicos é um dos mais belos romances de imaginação e poesia, de sonho e análise, de inteligência e desregramento interior, de toda a moderna literatura. Só por isso valia a pena traduzi-lo.

Mas na literatura francesa Os Meninos Diabólicos não são um romance vulgar. Muito pelo contrário.

Jean Cocteau é um desses espíritos indispensáveis naqueles países em que a literatura pende para a disciplina académica. De facto, tende-se em toda a parte a reduzir a arte literária a um exercício escolar ao serviço da cultura e da moral.

OS MENINOS DIABÓLICOS

Daí o estiolamento da flor delicadíssima a que se chama inspiração. A literatura não pode ser planta de estufa. Por que o não é, quando encerrada em galerias envidraçadas, com temperaturas artificiais, marcha, artificializa-se: ganha o polimento vítreo de certas begónias naturais indistinguíveis das artificiais.

Nas letras francesas Jean Cocteau é uma espécie de menino diabólico. Entretém-se a deitar a língua de fora aos papás da literatura, como Isabel e Paulo, os seus heróis, faziam aos meninos enfezados lá do hotel.

Toda a sua obra é como que um esgar aos senhores sisudos. Nela transparece a mais fresca, a mais irrequieta, a mais engenhosa, a mais imprevisível sensibilidade da literatura francesa de hoje.

Mas Jean Cocteau é francês. Jean Cocteau é por isso, antes de mais, um homem inteligente. Eis onde a sua personalidade se reveste de uma fisionomia particularmente insinuante. Um homem muito arguto com uma sensibilidade muito impertinente pode ir longe. Jean Cocteau soube fazer deste amálgama um jogo saborosíssimo.

A sua inteligência pôs-se-lhe a brincar com a sensibilidade como gato, ufano da sua superioridade, com rato colhido dentro de um quarto hermèticamente fechado. E, assim, Cocteau se compraz em deixar fugir perante ele, imóvel, a sensibilidade audaciosa e maleável. Enquanto Cocteau fica imóvel, ela salta, esbraveja, enxota para cima das cadeiras as senhoras assustadas, põe vassouras nas mãos das mais afoitas — estabelece a confusão, o pânico. Quando tudo está bem revolvido, então avança a inteligência arguta e senhora de si. Volta a tranquilidade. As senhoras descem das cadeiras, as vassouras tornam para o seu lugar, reina a calma, volta a paz. Até que o rato volte, de novo. E só fugirá quando menos se espera.

Eis um dos aspectos mais curiosos de Jean Cocteau. Eis o Jean Cocteau de Potomak e dos Mariés de la Tour Eiffel. Eis, de uma maneira geral, o Cocteau subjacente a toda a sua obra. Não é bem este o Cocteau de Os Meninos Diabólicos. Nesta obra paira uma seriedade invulgar. Paira nela, desde as primeiras páginas, uma retenção de tragédia. É o ambiente de certas

OS MENINOS DIABÓLICOS

das suas peças; Les Chevaliers de la Table Ronde, por exemplo. Encontramos nela o Cocteau vítima dos alcalóides. Nesta obra Cocteau é um homem que retoma, pela intoxicação, a atmosfera da adolescência. Mas o autor de Os Meninos Diabólicos é também aquele espírito que nunca deixou de ser adolescente. Poucos escritores como Cocteau estariam tão habilitados a falar-nos dessa perturbante idade em que se têm ainda as raízes na origem da vida e os olhos postos na morte inacreditável.

Esta comunicação inconsciente com as fontes da vida e ao mesmo tempo esta impossibilidade de conceber a morte dão à adolescência um heroísmo trágico. À adolescência se pode ir buscar a verdadeira imagem do poeta. Como o adolescente, também o poeta está em contacto com as fontes da vida, a alma a transbordar da morte invisível. Eis como Cocteau se pôde identificar com todos os heróis do seu romance: como eles, Cocteau é um perpétuo adolescente, porque é um poeta.

Os Meninos Diabólicos, no fundo, é o romance do poeta. A sua mais perturbante personagem é o próprio poeta Jean Cocteau. Jean Cocteau faz

de Paulo e Isabel seres possuídos daquele diabólico frenesim que a poesia inocula no sangue de quem dela se deixa possuir. Gerardo e Âgata são como que dois semi-iniciados. Assistem ao drama de fora. Paulo e Isabel exercem sobre eles uma fascinação idêntica à que os poetas exercem sobre os seus leitores. Há um momento em que leitores e poetas se fundem no mesmo sonho. Paulo e Âgata debruçam-se sobre o abismo. Mas Âgata salva-se. Isabel retoma o seu lugar no instante supremo. Isabel tinha de salvar o irmão da vida vulgar. Isabel é como que o génio da poesia pairando sobre o inconsciente Paulo. Só Isabel, a encarnação diabólica da celestialidade da poesia, era digna dele. No instante derradeiro fascina-o, chama-o a si, morre para que ele não morra de vulgaridade.

Isabel e Paulo, dois irmãos educados à rédea solta, entre uma mãe que agoniza e um quarto onde tudo está revestido daquela realidade sobrenatural que a infância empresta à realidade natural, exprimem, na obra de Cocteau, o fogo da poesia.

Irmão e irmã procuram-se através de um labi-

OS MENINOS DIABÓLICOS

rinto. Paulo dominado pela imagem de um camarada em que pôs todos os seus pressentimentos amorosos, Isabel diabòlicamente presa ao irmão, a quem finge desprezar. Numa pureza, mais simbólica que real, se realiza a vida daqueles dois irmãos que dormem lado a lado, se banham na mesma banheira e parecem odiar-se. Jean Cocteau mergulha aquelas duas crianças numa atmosfera carregada de mitos e símbolos. O tesouro, eis o seu tabernáculo. Nele guardam as alfaias da sua magia. Todos os objectos que penetrarem naquela gaveta transfiguram-se. Botões, elásticos, retratos, tudo que ali está é imenso e sagrado.

Mas como tudo naquelas vidas é milagroso, surge um milionário americano que desposa Isabel e morre sem lhe tocar. Isabel será, desde então, a Virgem do Templo. Foi o quarto quem matou o milionário. O quarto queria que Isabel permanecesse pura. No palacete legado pelo americano há uma galeria aparentemente inútil. Eis onde o quarto vai renascer. Mobila-a o sobrenatural que recheava aquele. Paulo trata de recompor a atmosfera asfixiante. Dir-se-á rever a batalha de bolas de neve em que Dargelos, o amigo

querido, o pôs às portas da morte, isto é, às portas do sonho.

Com Dargelos se parecem todos os retratos recortados de magazines que enchem as paredes do quarto. Ágata é uma reencarnação de Dargelos. Paulo apaixonou-se por Ágata. Ágata é como se fosse Dargelos. Mas Isabel descobre a paixão, e afasta-os. Paulo envenena-se e é ainda Dargelos quem lhe manda a bola de veneno com que ele se há-de matar. Só tarde Paulo sabe a verdade. Acusa Isabel. Ela porém transfigura-se perante ele — arrasta-o consigo, desfechando uma bala na cabeça. Então ambos sobem a esse mundo onde não há leis, onde não há incestos, onde tudo é harmonia e interpenetração.

Claro que estamos perante um romance puramente intelectual. Jean Cocteau, mesmo quando parece desgrenhado pela poesia e pelo sonho, está presente pela inteligência: neste romance tudo é calculado para arrancar à cena final melhores e mais surpreendentes efeitos. Dir-se-á que Cocteau junta os fios de um sonho de que se procura lembrar. Reconstitue-o, combina-o. Daí o desen-

OS MENINOS DIABÓLICOS

volvimento harmónico e lógico das suas partes no meio de um todo de pura irreabilidade e desregramento imaginativo. Aqui está mesmo o grande poder de Cocteau: saber ser lúcido mesmo quando o que fala é a voz do que de mais incoerente há na vida — a poesia.

É provável que este livro desperte incompreensões e surpresas. Tenho reparado que o leitor português não está afeito a certas leituras. Talvez que Os Meninos Diabólicos lhe vá parecer um livro sem pés nem cabeça. Nesta hipótese, leitor, dá-te ao cuidado de reflectir. É preciso que te compenettes de uma coisa: não poderás entender as mais belas obras da literatura dos últimos cinquenta anos sem te convenceres de que a literatura é uma iluminação do que no homem há de mais perturbado e íntimo. Começa por voltar os olhos para ti mesmo. Lembra-te da tua adolescência. Não teria havido nela muita coisa incoerente, diabólica? Pergunta-te a ti mesmo se o mundo não te apareceu então como que carregado de símbolos a um tempo fascinantemente claros e obscuros. Lembra-te do fecho da porta do teu quarto, da janela que crescia nas noites em

que o sarampo te dava 40 graus de febre, das perturbações asfixiantes dos teus primeiros rebates de amor, da angústia das primeiras noites de desejo. E então, só então, debes pensar se há no livro que se te dá a ler incoerência ou mistificação. Claro que, como estás em presença de um grande poeta para quem toda a arte é um jogo com as sombras e com a noite da alma, tens de aceitar que as perturbações e as visões dele sejam mais estranhas que as tuas perturbações e as tuas visões. Todo o teu trabalho de compreensão deve consistir em elevares-te à temperatura da obra que vais ler.

Não foi sem dificuldade que se traduziu este livro. A expressão é nele cheia de um segundo sentido poético. No estilo de Cocteau há um jogo de nuances que foi preciso respeitar dentro da sintaxe, mais francesa que portuguesa. Mas, como eu penso que uma tradução é tanto um trabalho de harmonização dos valores verbais de duas línguas como um enriquecimento dos valores da língua mais pobre à custa dos da língua mais rica, não hesitei em sacrificar, por vezes, o puris-

OS MENINOS DIABÓLICOS

mo à força e à graça da construção francesa. Sem isso não sei para que serviria uma tradução. Traduzir é afinar os valores verbais de uma língua pelo tom daquela que exprime subtilezas poéticas e psicológicas desconhecidas da primeira. É preciso não envolver a língua em panos como se faz aos móveis em certas salas de visitas da província. O que é preciso é dar-lhe a mobilidade indispensável para que ela acompanhe a evolução da capacidade expressiva do homem em perpétuo enriquecimento. Ainda debaixo deste ponto de vista é este romance de Jean Cocteau uma dessas obras de que os tempos falarão como muito tendo contribuído para o enriquecimento do que na literatura há de mais fugidio, de mais perturbado e de mais belo — a poesia da adolescência.

JOÃO GASPAR SIMÕES



PRIMEIRA PARTE



O bairro Monthiers fica entre a rua de Amsterdão e a rua de Clichy. A sua entrada pela rua de Clichy é por uma cancela de ferro e a pela rua de Amsterdão por um portal, sempre aberto, ao longo de um arco de um prédio, de que este bairro parece o pátio, verdadeira viela oblonga, onde pequenas moradias particulares se dissimulam nos contrafortes das altas muralhas compactas da massa de edifícios. Essas minúsculas residências, com clarabóias envidraçadas onde correm cortinas de fotógrafo, pertencem certamente a pintores. Imaginamo-las cheias de armas, de brocados, de telas

representando gatinhos dentro de açafates e famílias de ministros bolivianos, e são habitadas por senhores desconhecidos, ilustres, sobrecarregados de comendas, de recompensas oficiais, protegidos de toda inquietação pelo silêncio daquele bairro provinciano.

Mas duas vezes por dia, às dez e meia da manhã e às quatro horas da tarde, grande tumulto perturba este silêncio. Acontece que o pequeno liceu Condorcet abre as suas portas em frente do 72 *bis* da rua de Amsterdão e os seus alunos fazem do bairro quartel general. É ali a sua praça de Grève. Uma espécie de praça medieval, de corte de amor, de lugar de diversões, de milagres, uma como que bolsa para troca de estampilhas e berlindes, um valhacoito em que o tribunal julga os culpados e os executa, em que se maquina maduramente as partidas que se fazem nas aulas e cujos preparativos são o pasmo dos professores. Os garotos da segunda classe

OS MENINOS DIABÓLICOS

são terríveis. Dentro de um ano estarão na «terceira», na rua Caumartin, e então votarão ao desprezo a rua de Amsterdão, serão alguém, e deixarão de usar pasta, para usarem os quatro livros amarrados com uma correia e um pedaço de tapete.

Mas, na «segunda», as forças que despertam continuam subordinadas aos instintos tenebrosos da infância. Instintos animais, vegetais, de mecanismo impenetrável, pois são tão inacessíveis à memória como a lembrança de certas dores, e as crianças emudecem mal delas se aproximam as pessoas crescidas. Calam-se e fingem atitudes de um outro mundo. Estes grandes comediantes sabem de repente cobrir-se de picos como um ouriço ou envolver-se na doce humildade de uma planta. Nunca divulgam os ritos obscuros da sua religião. Sabemos apenas que ela exige manhas, vítimas, julgamentos sumários, horrores, suplícios, sacrifícios humanos.

Os pormenores são secretos e os fiéis possuem um idioma próprio, impossível de compreender caso alguém os ouça sem eles darem por isso. Todos os negócios se fazem com berlindes de ágata, com estampilhas. As oferendas enchem os bolsos dos chefes e dos semi-deuses, os gritos ocultam conciliábulos, e natural seria que se um dos pintores, calafetado no seu luxo, se lembrasse de puxar o cordão que manobra o dossel da cortina de fotógrafo, não pudesse ver nessa mocidade um só desses motivos, tão do agrado de pintores, como, por exemplo: *Combate, entre limpa-chaminés, com bolas de neve, Sape-gato ou Gentis gaiatos.*

Nessa tarde caía neve. Caía neve desde a véspera, e naturalmente o cenário era outro. O bairro recuara nos tempos; dir-se-ia que a neve, desaparecida da terra confor-

OS MENINOS DIABÓLICOS

tável, já não caía em nenhuma outra parte, caía toda ali.

Os estudantes, a caminho das aulas, já tinham amassado, revolvido, amontoado, raspado, com os seus escorregões, o chão duro enlameado. A neve suja formava um carreiro ao longo da valeta. Enfim: essa neve era neve nos degraus, nas *marquises* e nas fachadas das casas. Almofadas, cornijas, volumes carregados de coisas leves, em vez de engrossarem as linhas, faziam pairar sobretudo uma espécie de emoção, de pressentimento. Graças a esta neve, que cintilava com a doçura de mostradores de relógios luminosos, a alma do luxo atravessava as pedras, tornava-se visível, fazia-se aquele veludo que atapetava o bairro, o mobilava, o encantava, o transformava num salão fantasma.

Em baixo o espectáculo era menos suave. Os bicos de gás alumiam mal uma espécie de campo de batalha deserto. O chão

esfolado vivo mostrava os pavimentos desiguais sob as feridas da geada: em frente dos canos de esgoto, montes de neve suja facilitavam emboscadas, uma aragem pérfida sacudia os bicos de gás e os recantos escuros punham-se a cuidar dos seus mortos.

Deste ponto de vista a óptica mudava. As casas deixavam de ser camarotes de um teatro estranho e tornavam-se em absoluto residências apagadas de propósito, ali à espera, numa barricada, que o inimigo passasse.

A neve tirava ao bairro o seu aspecto de praça vulgar, aberta a pelotiqueiros, charlatães, algozes e mercadores. Dava-lhe um sentido especial; um emprego definitivo como campo de batalha.

Desde as quatro e dez que as coisas estavam de tal maneira que era perigoso ultrapassar o portão. Debaixo do arco concentravam-se as reservas, cada vez maiores

OS MENINOS DIABÓLICOS

com a chegada de novos combatentes, um por um ou dois a dois.

— Viste o Dargelos?

— Vi... Não, não sei.

Respondera um estudante, que, ajudado por outro, amparava um dos primeiros feridos a caminho do portal. O ferido, com um lenço em volta do joelho, caminhava num pé só, fincando-se nos ombros dos companheiros.

O que fizera a pergunta tinha um rosto pálido, olhos tristes. Deviam ser olhos de doente: coxeava, e a capa, que lhe descia até ao artelho, parecia esconder uma bossa, uma protuberância, qualquer extraordinária deformação. De súbito, sacudiu para trás das costas as abas da capa, aproximou-se de um desvão onde estavam em monte as pastas dos estudantes e então viu-se que o seu andar, a anca deformada, eram simulados por uma forma especial de trazer a grossa pasta de

coiro. Poisou a pasta, e deixou de ser aleijado; mas os olhos ficaram na mesma.

Encaminhou-se para o campo de batalha.

À direita, no passeio junto ao arco, interrogavam um prisioneiro. O bico de gás iluminava a cena às pinceladas. O prisioneiro (um «pequeno»), agarrado por quatro estudantes, tinha o busto apoiado à parede. Um «grande», acocorado entre as pernas dele, puxava-lhe as orelhas, e obrigava-o a ver atrozes esgares. O silêncio daquela máscara monstruosa, a mudar de forma, aterrava a vítima. Chorava e fazia por fechar os olhos, por baixar a cabeça. De cada vez que o tentava, o autor das carantonhas friccionava-lhe as orelhas com um punhado de neve suja.

O estudante pálido contornou o grupo e caminhou por entre os projecteis.

Procurava Dargelos. Amava-o.

Este amor era tanto mais violento quanto

OS MENINOS DIABÓLICOS

era certo preceder nele o conhecimento do amor. Era um mal vago, intenso, sem remédio, um desejo casto, sem sexo e sem objecto.

Dargelos era a «fera» do colégio. Apreciava tanto os que o provocavam como os que o seguiam. Ora, sempre que o estudante pálido se via em frente dos cabelos emaranhados, dos joelhos feridos, da vestimenta de estranhas algibeiras, perdia a cabeça.

A batalha dava-lhe coragem. Correria, por-se-ia ao lado de Dargelos, bater-se-ia, defendê-lo-ia, provar-lhe-ia de quanto era capaz.

A neve voava, esborrachava-se nas capas, estrelava as paredes. De lugar para lugar, entre duas noites, via-se o contorno de uma máscara vermelha, a boca aberta, uma mão a apontar.

Uma mão aponta o estudante pálido, que balbucia o que quer que é, e vai chamar outra vez. Acaba de lobrigar, de pé sobre um

marco, um dos acólitos do seu ídolo. É aquele quem o vai condenar. Descerra os lábios: «Dar...»; logo a bola de neve lhe atinge a boca, entra por ela dentro, gela-lhe os dentes. Mal tem tempo de ouvir uma gargalhada e ao lado da gargalhada, no meio do seu estado-maior, Dargelos, que se ergue, faces em fogo, cabelos desgrenhados, com um gesto imenso.

Uma pancada lhe atinge o peito. Uma pancada sinistra. Um soco de mármore. Um pontapé de estátua. Esvazia-se-lhe o cérebro. Adivinha Dargelos sobre uma espécie de estrado, o braço descaído, estúpido, envolto numa luz sobrenatural.

Jazia por terra. Uma onda de sangue que lhe saía da boca manchava-lhe o queixo e o pescoço, ensopava a neve. Ressoaram apitos. Num abrir e fechar de olhos esvaziou-se o bairro. Apenas alguns curiosos rodeavam o corpo, indiferentes, olhos fitos

OS MENINOS DIABÓLICOS

na lama vermelha. Uns afastavam-se receosos, dando estalidos com os dedos; estendiam os beiços, arqueavam as sobrancelhas e meneavam a cabeça; outros, num deslizar rápido, apanhavam as pastas. O grupo de Dargelos continuava nos degraus da escada, imóvel. Por fim apareceram um professor e o contínuo do liceu, prevenidos pelo aluno a que a vítima chamara Gerardo ao entrar na batalha. Este seguia-os. Os dois homens ergueram o ferido; o professor voltou-se para o lado escuro:

— Foste tu, Dargelos?

— Sim, senhor.

— Acompanha-me.

E o bando pôs-se em marcha.

Imensos são os privilégios da beleza. A sua influência exerce-se até sobre aqueles que dela se não apercebem.

Os mestres gostavam de Dargelos.

O professor estava extremamente contrariado com toda aquela história incompreensível.

Levaram o estudante para a dependência do contínuo, onde a mulher deste, boa mulher, o lavou e tentou chamá-lo a si.

Dargelos estava de pé junto à porta. Atrás da porta espreitavam cabeças curiosas. Gerardo chorava, com a mão do amigo entre as suas.

— Que se passou, Dargelos? disse o professor.

— Nada. Atirávamos bolas de neve. Mande-i-lhe uma. Devia ser muito rija. Apanhou-o em cheio no peito, disse «oh!» e caiu assim. Julguei até que o sangue fosse do nariz, que lhe tivessem atirado outra bola de neve.

— Uma bola de neve não arromba o peito.

— Ouça, ouça, exclamou então o estu-

OS MENINOS DIABÓLICOS

dante que dava pelo nome de Gerardo. Ele tinha misturado uma pedra com a neve.

— É verdade? inquiriu o professor.

Dargelos encolheu os ombros.

— Não respondes?

— É inútil. Olhe, lá abre ele os olhos.

Pergunte-lhe...

O doente voltava a si. Apoiava a cabeça à manga do camarada.

— Como vai isso?

— Queira desculpar...

— Desculpar-te de quê? Estás doente.

Desmaiaste.

— Sim. Lembro-me.

— És capaz de me dizer porque é que desmaiaste?

— Apanhei com uma bola de neve no peito.

— Uma bola de neve não faz mal a ninguém!

— Mas foi uma bola de neve...

— Aqui este teu camarada diz que essa bola de neve trazia uma pedra.

O doente via que Dargelos encolhia os ombros.

— O Gerardo é doido, disse ele. És doido. A bola de neve era uma bola de neve. Corri. Devo ter tido uma congestão.

O professor respirou.

Dargelos ia sair. Reconsiderou. Pareceu caminhar para o doente. Ao chegar em frente do balcão onde os contínuos vendiam canetas, tinta, lambarices, hesitou, puxou de umas moedas da algibeira, poisou-as e tirou um desses paus de alcaçus que parecem atacadores de botas e que os estudantes tanto gostam de chupar. Depois atravessou a casa, levou a mão à cabeça, como quem faz continência, e desapareceu.

O professor fazia tenção de acompanhar o doente. Já tinha mandado buscar um carro,

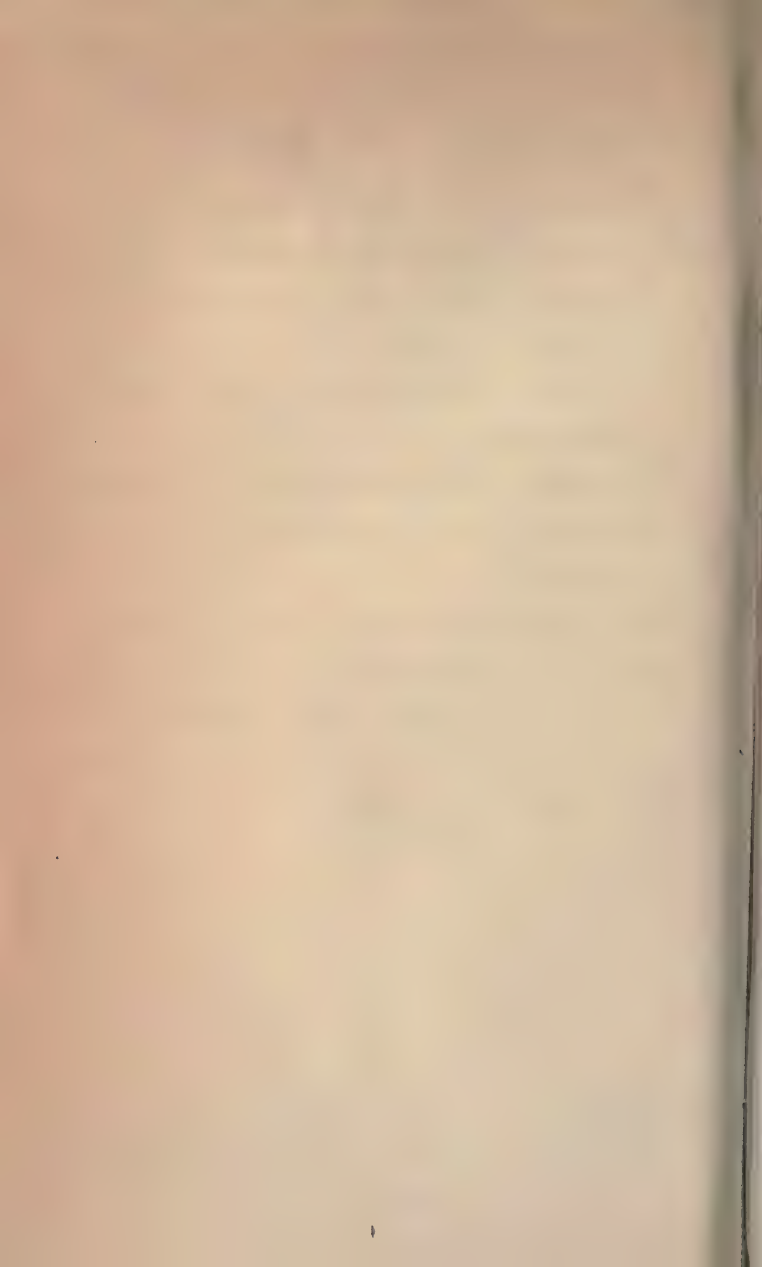
OS MENINOS DIABÓLICOS

que os esperava, quando Gerardo disse ser inútil, que a presença do professor iria alar-mar a família e que ele se encarregaria de levar o doente a casa.

— Demais, acrescentou, olhem, Paulo está quase bom.

O professor não punha grande empenho no passeio. Nevava. O estudante vivia na rua Montmartre.

Acompanhou o doente até ao carro e como visse que Gerardo agasalhava o con-discípulo com o próprio *cache-nez* de lã e a a sua própria capa, tranquilizou-se: estavam salvas as suas responsabilidades.



O carro rodava lentamente pelo chão gelado. Gerardo olhava a pobre cabeça sacudida para a direita e para a esquerda ao canto do veículo. Via-a pela parte de baixo, iluminando o recanto com a sua palidez. Mal adivinhava os olhos fechados e só distinguia a sombra das narinas e os lábios, em que tinham ficado pequenas crostas de sangue. Murmurou: «Paulo...». Paulo ouvia, mas uma incrível lassidão não o deixava responder. Rastejou a mão para fora do monte de capas e poisou-a na de Gerardo.

Perante um perigo como este, a infância divide-se entre dois extremos. Incapaz de

suspeitar a que profundidades se enraíza a vida e quais os seus portentosos recursos, imagina imediatamente o pior; mas esse pior não se lhe apresenta real, visto não estar em condições de acreditar na morte.

Gerardo repetia para si próprio: «Paulo morre, Paulo vai morrer»; mas não acreditava. Esta morte de Paulo parecia-lhe o prolongamento natural de um sonho, uma viagem sobre a neve para sempre. Se ele amava Paulo tanto quanto Paulo amava Dargelos todo o prestígio de Paulo aos olhos de Gerardo estava na sua fraqueza. Já que Paulo tinha o olhar fixo no fogo de um Dargelos, Gerardo, forte e justo, vigiá-lo-ia, espiá-lo-ia, protegê-lo-ia, impedi-lo-ia de se queimar. Fora bastante estúpido lá no arco! Paulo procurava Dargelos, Gerardo quisera surpreendê-lo com a sua indiferença, e o mesmo sentimento que arrastara Paulo para a batalha o impedira a ele de o seguir. Vira-o cair

OS MENINOS DIABÓLICOS

de longe, manchado de vermelho, numa dessas atitudes que tomam os basbaques a distância. Receoso de que, se se aproximasse, Dargelos e o seu grupo o retivessem, precipitara-se em busca de socorro.

Agora, eis que retomava o ritmo do hábito, velava Paulo: estava no seu posto. Sentia-se arrebatado. Todo aquele sonho o soerguia a uma zona de êxtase. O silêncio do carro, os candeeiros de iluminação, a sua missão, eram um encantamento. Sentia a fraqueza do seu amigo petreficar-se, tomar uma grandeza definitiva, e a sua própria força encontrar por fim um emprego digno dela.

Bruscamente, pensou que acabara de acusar Dargelos, que o rancor lhe ditara aquela frase, o obrigara a uma injustiça. Tornou a ver a dependência do contínuo, o rapaz desdenhoso, que sacudia os ombros, os olhos azuis de Paulo, olhos de censura, o seu esforço sobre-humano para dizer: «Tu estás

doido!» e para desculpar o culpado. Não queria lembrar-se disso, incomodava-o. Tinha desculpa. Nas mãos de ferro de Dargelos uma bola de neve podia tornar-se um instrumento mais criminoso do que o seu canivete de nove lâminas. Paulo esqueceria. Sobretudo era preciso, custasse o que custasse, regressar a essa realidade da infância, realidade grave, heróica, misteriosa, alimentada de ninharias, a que as perguntas das pessoas crescidas arrancam brutalmente o feérico.

O carro continuava em pleno céu. Cruzavam astros. Os seus raios impregnavam os vidros baços, chicoteados por breves rajadas.

De súbito, soaram duas notas doridas. Fizeram-se dilacerantes, humanas, inumanas, os vidros tremeram e o ciclone dos bombeiros passou. Pelos ziguezagues desenhados na geada Gerardo viu a base dos edifícios que se perseguiram e ululavam, as escadas

OS MENINOS DIABÓLICOS

vermelhas, os homens de capacetes de ouro, como alegorias nos seus nichos.

O reflexo rubro dançava no rosto de Paulo. Gerardo julgou vê-lo animar-se. Passada a última trompa, voltou a ficar lívido e foi então que Gerardo sentiu que a mão presa entre as suas estava quente e que esse calor tranquilizador lhe permitia brincar *àquilo*. *Aquilo*, a brincadeira, era um termo errado, mas assim é que Paulo designava a semi-inconsciência a que as crianças às vezes se abandonam. Nisso era mestre. Dominava o espaço e o tempo; provocava sonhos, combinava-os com a realidade, sabia viver no crepúsculo, criando, nas aulas, um mundo em que Dargelos o admirava e lhe obedecia.

Estará ele a brincar *àquilo*? pergunta-se Gerardo a si mesmo enquanto estreita a mão quente e olha com avidez a cabeça caída para trás.

Sem Paulo, aquele carro seria um carro, aquela neve, neve, aquelas lanternas, lanternas, aquele regresso, um regresso. Era rude de mais para ter fabricado por si próprio a embriaguez; Paulo dominava-o e a sua influência com o tempo tinha transfigurado tudo. Em vez de aprender a gramática, o cálculo, a história, a geografia, as ciências naturais, aprendera a dormir acordado um sono que nos leva para além-mundo e reveste os objectos do seu verdadeiro sentido. As drogas da Índia teriam menos acção sobre estas crianças nervosas que uma borracha ou uma caneta mascada às escondidas atrás de uma carteira.

Estará ele a brincar *àquilo*?

Gerardo não tinha ilusões. A brincadeira brincada por Paulo era bem outra. As bombas que passavam não eram capazes de o distrair.

Tentou reatar o fio breve, mas já não ia

OS MENINOS DIABÓLICOS

a tempo; acabavam de chegar. O carro parava diante da porta.

Paulo saía do seu torpor.

— Queres que te ajudem? perguntou Gerardo.

Era inútil; Gerardo que o amparasse, ele subiria. Bastava que Gerardo começasse por tirar a pasta.

Carregado com a pasta e com Paulo, a quem amparava pela cintura, e o qual se apoiava com o braço esquerdo ao seu pescoço, subiu as escadas. Parou no primeiro andar. Um velho banco forrado de veludo verde mostrava, desventrado, a crina e as molas. Gerardo depôs nele o seu precioso fardo, aproximou-se da porta da direita e tocou. Ouviram-se passos, alguém que se deteve, um silêncio — «Isabel!». O silêncio continuava. «Isabel!» — cochichou Gerardo com energia.

— Abre! somos nós!

Uma vozita voluntariosa ecoou.

— Não abro! Que chatos! Estou farta de rapazes. Então isto são horas, seus malucos!

— Lisa, insistiu Gerardo, abra, abra depressa, Paulo está doente.

Após uma pausa, a porta entreabriu-se. A voz continuou pela frincha:

— Doente? é um truque para eu abrir, não? É verdade essa mentira?

— Paulo está doente, despache-se, está a tiritar aqui no banco.

A porta abriu-se completamente. Uma rapariga de dezasseis anos surgiu. Parecia-se com Paulo; tinha os mesmos olhos azuis sombreados de pestanas pretas, as mesmas faces pálidas. Mas dois anos mais acusavam certas linhas e, sob a cabeleira curta, encaracolada, o rosto da irmã deixava de ser um esboço, tornava o do irmão um pouco mole, organizava-se, apressava-se, em desordem, ao encontro da beleza.

OS MENINOS DIABÓLICOS

Do vestibulo escuro viu-se, primeiro, surgir esta brancura de Isabel e a nódoa escura de um avental de cozinha muito comprido para ela.

A realidade do que ela imaginava uma fábula impediu-a de exclamar o que quer que fosse. Isabel e Gerardo amparavam Paulo, que oscilava e deixava pender a cabeça. Logo no vestibulo, Gerardo quis explicar o que se passara.

— Idiota, murmurou Isabel, aí está você com as suas *gaffes*. Não pode falar sem gritar. Quer que a mamã o ouça, não?

Atravessaram a sala de jantar, contornaram a mesa e penetraram, à direita, no quarto dos pequenos.

Este quarto tinha duas camas minúsculas, uma cómoda, um fogão e três cadeiras. Entre as duas camas havia uma porta para um gabinete, meio *toilette*, meio cozinha, para onde se entrava também pelo vestibulo. O primeiro

golpe de vista ao quarto era uma surpresa. Sem as camas, dir-se-ia uma arrecadação. Caixas, roupa, toalhas juncavam o chão. Um tapete no fio. A meio do fogão imperava um busto de gesso com olhos e bigodes pintados a tinta de escrever; nas paredes, por toda a parte, fixados com percevejos, havia páginas de ilustrações, de jornais, de programas, com estrelas de cinema, jogadores de boxe, assassinos.

Isabel abria caminho a pontapés nas caixas. Praguejava. Estenderam, por fim, o doente sobre uma cama rasa de livros. Gerardo descreveu a batalha.

— É demais, explodiu Isabel. Estes senhores divertem-se com bolas de neve enquanto eu sirvo de enfermeira, enquanto eu trato da minha mãe, que está doente. Minha mãe doente! gritou ela, orgulhosa destas palavras, que lhe davam importância. — Eu trato da minha mãe, doente, e vocês brincam com

bolas de neve. Foi você, tenho a certeza, que arrastou o Paulo, idiota!

Gerardo calava-se. Conhecia o estilo violento dos irmãos, o seu calão de colegiais, a sua tensão perene. Mas, no entanto, ficava tímido e dava-o sempre um pouco a perceber.

— Quem tratará de Paulo, você ou eu? continuou ela. Que diabo está você aí a fazer pasmado?

— Minha Isabelinha...

— Eu não sou nem Isabelinha nem sua. Peça-lhe que seja bem educado. Demais...

Uma voz distante interrompeu-lhe a apostrofe:

— Gerardo, meu velho, dizia Paulo surdamente, não dê atenção a essa indecente tipa... Chateia-nos.

Isabel pulou com o insulto:

— Tipa! Está bem, meus tipos, arranjam-se. Trata-te sozinho. É o cúmulo! Um idiota que não aguenta com uma bola de neve,

e eu, tão parva, a incomodar-me com ele!

«Olhe, Gerardo, disse ela sem transição, veja».

Com um balanço brusco atirou com a perna direita para o ar, mais alta que a cabeça.

— Há duas semanas que me ando a treinar.

E tornou ao exercício.

— E agora, saia! Rua!

Apontava a porta.

Gerardo hesitava no limiar.

— Talvez..., gaguejou ele, seja preciso chamar o médico.

A perna foi ao ar.

— Um médico? Estava à espera do seu conselho. Você é duma inteligência rara. Fique sabendo que o médico vem ver a mamã às sete horas, eu lhe mostrarei o Paulo. Vá, ponha-se a «cavar»! concluiu ela; e como Gerardo não sabia que fazer:

OS MENINOS DIABÓLICOS

— Você é médico, porventura? Não? Então vá-se embora. Vai-se embora ou não vai?

Batia com o pé e os seus olhos despediam uma cintilação dura. Gerardo bateu em retirada.

Como ia saindo de costas e a sala de jantar estava escura, derrubou uma cadeira.

— Idiota! Idiota! repetiu a pequena. Largue, não a apanhe, senão ainda atira com outra ao chão. Raspe-se depressa! E não bata com a porta, ouviu?

No patamar, Gerardo lembrou-se de que um carro o esperava e de que não tinha cinco réis no bolso. Não se atrevia a tocar. Isabel não lhe abriria a porta. E se abrisse julgando que era o doutor insultá-lo-ia.

Vivia na rua Lafitte, em casa de um tio que o criava. Resolveu ir de carro até lá e explicar tudo, na esperança de que o tio pagasse o carro.

Rodava, mergulhado no canto onde há pouco ia o amigo. De propósito, deixava baloiçar a cabeça, caída para trás. Não queria brincar *àquilo*, sofria. Depois de um momento fabuloso, encontrara a atmosfera desconcertante de Paulo e Isabel. Isabel despertara-o, lembrara-lhe que a fraqueza do irmão era complicada com caprichos cruéis. Paulo, vencido por Dargelos, Paulo vítima de Dargelos, não era o Paulo de quem Gerardo era o escravo. Gerardo tinha-se comportado no carro à maneira de um louco que abusa de uma morta e, sem se representar a cena com tamanha crueza, percebia dever a doçura daqueles minutos a uma combinação de neve e de síncope, a uma espécie de quiproquó. Fazer de Paulo uma personagem activa naquele passeio era atribuir ao afluír do sangue o reflexo das bombas.

De facto, conhecia Isabel, o culto que ela dedicava ao irmão e a amizade com que ele

poderia contar. Isabel e Paulo estimavam-se muito; conhecia a sua tempestade de amor, os raios que os seus olhos trocavam, o choque dos seus caprichos, as suas línguas perversas. Serenamente, a cabeça inclinada para trás, sacudida, o pescoço frio, punha as coisas no seu lugar. Mas se este sossego lhe revelava por detrás das palavras de Isabel um coração cheio de ternura, remergulhava-o na síncope, na verdade daquela síncope, numa síncope para pessoas crescidas e nas prováveis consequências dela.

Na rua Laffite pediu ao *chauffeur* que esperasse um minuto. O *chauffeur* resmungou. Subiu a escada a quatro e quatro, dirigiu-se ao tio e convenceu o bom do homem.

Em baixo, a rua deserta fazia estendal da sua neve. O *chauffeur*, farto de esperar, tinha partido, por certo com algum peão persuasivo que se propusera pagar a des-

pesa feita. Gerardo meteu o dinheiro ao bolso.

— Calha bem, pensou. Compro qualquer coisa para a Isabel, e assim já tenho um pretexto para saber notícias.

Na rua Montmartre, logo que Gerardo saiu, Isabel foi ao quarto da mãe; este quarto e um miserável salão continuavam a ala esquerda da casa. A doente dormitava. Havia quatro meses que um ataque a tinha paralisado na força da vida; aquela mulher de trinta e cinco anos parecia uma velha, e queria morrer. O marido tinha-a enfeitiçado, amimado, arruinado, abandonado. Havia três anos que aparecia de tempos a tempos no domicílio conjugal. Representava então cenas hediondas. Trazia-o uma cirrose do fígado. Exigia que o tratassem. Ameaçava matar-se, brandia um revólver. Depois da crise, voltava para a amante, que o expulsava quando o mal se aproximava de novo. De

OS MENINOS DIABÓLICOS

uma vez chegou, tripudeou, deitou-se e, sem forças para partir, morreu em casa da mulher com que não queria viver.

A revolta fez desta mulher gasta uma mãe indiferente aos filhos; pintava-se, mudava de criada todas as semanas, dançava e ia buscar dinheiro onde o houvesse.

Isabel e Paulo tinham dela a máscara pálida. Do pai haviam herdado a desordem, a elegância, os caprichos furiosos.

«Viver, para quê?» pensava ela; o médico, um velho amigo do casal, olharia pelos pequenos. Mulher impotente, extenuava a pequena e toda a casa.

— Dormes, mamã?

— Não, dormitava.

— Paulo fez uma entorse; fi-lo deitar; hei-de mostrá-lo ao doutor.

— Tem dores?

— Só quando anda. Manda-te um beijo. Está a recortar jornais.

A doente suspirou. Havia muito tempo que tudo confiava à filha. Tinha o egoísmo do sofrimento. Não queria saber de mais nada.

— E a criada?

— A mesma coisa.

Isabel tornou ao quarto. Paulo estava voltado para a parede.

— Dormes?

— Vai chatear outro.

— Muito amável. Partiste (no dialecto fraternal *partir* exprimia o estado provocado por *aquilo*. Diziam: *vou partir, parto, parti*. Interromper o jogador *partido* constituía uma falta imperdoável). — Tu partiste e eu esfalfo-me. És um tipo indecente. Um tipo infecto. Deixa ver os pés, para te descalçar. Tens os pés gelados. Espera: vou arranjar-te uma botija.

Poisou os sapatos enlameados junto do busto e entrou na cozinha. Ouviu-se acender o gás. Depois voltou e pôs-se a despir

OS MENINOS DIABÓLICOS

Paulo. Este resmungava, mas abandonava-se. Quando era preciso mexer-se, Isabel dizia: «Levanta a cabeça» ou «levanta a perna»; e «Se te fazes morto, não posso puxar esta manga».

À medida que o despia ia-lhe esvaziando os bolsos. Atirou para o chão um lenço sujo de tinta, cascas, losangos de jujuba colados uns aos outros, tudo de mistura com rolos de algodão. Depois, abriu uma gaveta da cómoda e guardou o resto: uma mãozinha de marfim, um berlinde de ágata, uma carapuça de caneta.

Aquela gaveta era o «tesouro». Tesouro impossível de descrever, pois todos esses objectos da gaveta, desviados do seu emprego, estavam carregados de tais símbolos que o profano não podia ver naquele tesouro senão um *bric-à-brac* de chaves inglesas, de tubos de aspirina, de anéis de alumínio e de *bigoudis*.

A botija estava quente. Isabel afastou os lençóis a resmungar, desdobrou uma camisa comprida e voltou a camisa de dia como quem esfola um coelho. O corpo de Paulo detinha a sua brusquidão. As lágrimas vinham-lhe aos olhos perante tamanha graça. Envolveu-o, entalou-lhe a roupa e acabou por um «Dorme, imbecil!» sublinhado por um aceno de despedida. Depois, os olhos fixos, as sobrancelhas carregadas, a língua ao canto da boca, pôs-se a fazer exercícios.

Um toque de campainha deteve-a. A campainha ouvia-se mal; tinham-na envolvido em trapos. Era o médico. Isabel puxou-o pelo casaco até junto da cama do irmão e contou-lhe tudo.

— Deixa-nos sós, Lisa. Traz o termómetro e espera na sala. Quero auscultá-lo e não gosto que mexam nem que olhem para mim.

OS MENINOS DIABÓLICOS

Isabel atravessou a casa de jantar e entrou na sala. A neve continuava aí os seus prodígios. De pé, atrás de uma poltrona, a pequena olhava aquele compartimento desconhecido que a neve suspendia no espaço. A reverberação do passeio fronteiro projectava no tecto várias janelas de sombra e penumbra, uma renda de luz, em cujos arabescos as silhuetas dos transeuntes circulavam mais pequenas do que o natural.

Este equívoco de uma sala suspensa no espaço era realçado pelo espelho, quase vivo, tal qual um espectro imóvel, entre a cornija e o solo. De longe em longe, um automóvel varria tudo com um grande raio preto.

Isabel tentou brincar *àquilo*. Impossível. Batia-lhe o coração. Tanto para ela como para Gerardo as consequências da batalha na neve deixavam de pertencer à lenda. O médico restituía-as a um mundo severo

em que o medo existe, as pessoas têm febre e há a morte. Num segundo, entreviu a mãe parálitica, o irmão moribundo, o prato de sopa oferecido por uma vizinha, a carne fria, as babanas, os biscoitos secos que ela comia a toda a hora, a casa sem criada, sem amor. Havia dias em que ela e Paulo se sustentavam de guloseimas devoradas na cama entre insultos e livros; porque eles só liam certos livros, sempre os mesmos, livros de que se fartavam até ao enjoo. Este enjoo participava de um cerimonial que começava por uma minuciosa revista às camas, que eram bem sacudidas de migalhas e cascas, e se prosseguia em horríveis mistifórios para findar *naquilo*, — *aquilo* a que o enjoo dava talvez mais largo voo.

Isabel já ia longe da sua tristeza. A voz do médico assustou-a. Abriu a porta.

— Ora bem, disse ele; não há necessidade de te apoquentares. Não é grave. Não

OS MENINOS DIABÓLICOS

é grave, mas é sério. Tinha o peito fraco. Bastou um piparote. É bom não pensar em voltar às aulas. Repouso, repouso e repouso. Fizeste bem teres falado numa entorse. É inútil incomodar a tua mãe. És uma mulherzinha; conto contigo. Chama a criada.

— Já não temos criada.

— Bem. Mandarei duas enfermeiras, que se ocuparão da casa, cada uma por sua vez. Mandarei comprar o que for necessário, e tu vigiarás tudo.

Isabel não agradecia. Acostumada a viver de milagres, aceitava-os sem surpresa. Esperava-os, e eles lá vinham sempre. O médico, depois de ver a sua doente, despediu-se.

Paulo dormia. Isabel, ouvindo-lhe a respiração, pôs-se a contemplá-lo. Uma paixão violenta ia precipitar-lhe as momices em carícias. Não se apoquentava um doente que

dorme. Inspecciona-se. Descobrem-se-lhe manchas roxas nas pálpebras, reparamos que o lábio superior incha e avança sobre o inferior, colamos-lhe o ouvido ao braço cândido. Que tumulto ali vai! Isabel tapa o ouvido esquerdo. Há nele rumores que se fundem com os de Paulo. Que angústia! Dir-se-ia que o tumulto cresce. Se crescer mais, é a morte.

— Querido!

Acorda-o.

— Hein! Que é?

Espreguiça-se. Vê uma cara desvairada.

— Que tens, endoideceste?

— Eu?

— Sim, tu. Que maçadora! Não podes deixar os outros dormir?

— Os outros? E eu? Também eu podia dormir, mas velo, dou-te de comer, ouço os teus barulhos.

— Que barulhos?

— Uns malditos barulhos.

— Idiota!

— E eu que te queria dar uma grande novidade. Mas já que sou idiota, não digo.

A grande novidade alvoroçou Paulo. Esquivou-se ao ardil demasiado fácil.

— Podes guardar a tua novidade, disse ele. Quero lá saber disso.

Isabel despiu-se. Não havia acanhamento entre os irmãos. Aquele quarto era uma espécie de concha em que ambos viviam, ambos se lavavam, ambos se vestiam, como dois membros de um mesmo corpo.

Isabel pôs em cima de uma cadeira, junto do doente, carnes frias, bananas, leite, depois levou bolos secos e granadina para a cama vazia, e deitou-se. Ia mastigando e lendo, calada, mas Paulo, a quem a curiosidade devorava, perguntou-lhe que tinha dito o doutor. Pouco lhe importava o diagnóstico. Queria a grande novidade. Ora a novidade só dali podia vir.

Sem levantar os olhos do livro, sempre a mastigar, Isabel, contrariada pela pergunta e receosa das consequências duma recusa, lançou, em voz indiferente:

— Disse que não voltarias ao «tasco».

Paulo fechou os olhos. Um mal-estar atroz mostrou-lhe Dargelos, um Dargelos a viver longe, um futuro em que Dargelos não entrava. Não pôde mais. Chamou:

— Lisa!

— Eh?

— Lisa, não me sinto bem.

Isabel levantou-se a coxear, com uma perna dormente.

— Que queres tu?

— Quero... quero que estejas ao pé de mim, ao pé da minha cama.

Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Chorava como um bebé a fazer beicinho, lambuzado de baba e ranho.

Isabel puxou a cama para diante da porta

OS MENINOS DIABÓLICOS

da cozinha. Entre os dois leitos havia apenas uma cadeira. Tornou a deitar-se e pôs-se a afagar a mão do infeliz.

— Vamos, vamos, dizia. Olhem o idiota. Dizem-lhe que não volta às aulas e põe-se a chorar. Lembra-te de que vamos passar a viver fechados no nosso quarto. Haverá enfermeiras de branco, disse o doutor, e eu sairei para comprar bombons e ir ao gabinete de leitura.

Lágrimas desenhavam traços húmidos na pobre face pálida, algumas desprendiam-se das pestanas e tamborilavam no travesseiro. Perante infortúnio tão inexplicável, Lisa mordida os beiços.

— Estás chocho? perguntou ela.

Paulo meneou a cabeça.

— Gostavas de trabalhar?

— Não.

— Então que é isso? Zut!... Ouve! (Sacudiu-lhe o braço). Queres brincar *àquilo*?

Assoa-te. Olha. Vou hipnotizar-te.

Aproximou-se, abrindo olhos enormes.

Paulo chorava, soluçava. Isabel sentia-se fatigada. Queria brincar *àquilo*, queria consolá-lo, hipnotizá-lo; queria compreender. Mas o sono varria todos os seus esforços com grandes raios negros que giravam como os dos automóveis sobre a neve.

NO dia seguinte organizaram-se os serviços. Às cinco e meia uma enfermeira de bata branca abriu a porta a Gerardo, que empunhava um ramo de violetas de Parma, artificiais, metido numa caixa. Isabel sentiu-se lisonjeada.

— Vá ver Paulo, disse sem malícia. Eu vou assistir à injeção da mamã.

Paulo, lavado, penteado, tinha quase bom aspecto. Pediu notícias do Condorcet. As notícias eram espantosas.

De manhã, Dargelos fora chamado ao

gabinete do reitor. O reitor quisera continuar o interrogatório do professor.

Dargelos, exasperado, respondera qualquer coisa como «está bem, está bem!», tão insolentemente que o reitor, soerguido na cadeira, o ameaçara brandindo o punho por sobre a mesa. Então Dargelos tirara do bolso um cartucho de pimenta e jogara-lho à cara.

O resultado fora tão surpreendente, tão prodigiosamente imediato, que Dargelos, atemorizado, saltara para cima de uma cadeira, como a defender-se de não sabia que dique que se rompera, de que brutal inundação. Dessa alta eminência, Dargelos gozava o espectáculo de um velho cego a arrancar o colarinho, a rolar-se por sobre uma mesa, entre bramidos, como um homem que delira. O quadro deste delírio e de Dargelos, empoleirado, estúpido, como quando na véspera arremessara a bola de neve, fez estacar à porta o professor que acorrera ao ouvir gemidos.

OS MENINOS DIABÓLICOS

Porque não havia pena de morte nas escolas, tinham expulsado Dargelos e transportado o reitor para a enfermaria. Dargelos atravessou o átrio, de cabeça levantada, a boca soberba, sem estender a mão a ninguém.

Imagina-se a emoção do doente perante tal escândalo. Visto Gerardo não deixar transparecer qualquer sinal de triunfo, ele, Paulo, não exteriorizará a sua dor. No entanto, é mais forte do que ele; pergunta:

— Sabes onde ele mora?

— Não, meu velho; um tipo daqueles nunca diz onde mora.

— Pobre Dargelos! Acabou-se tudo. Deixa ver as fotografias.

Atrás do busto há duas. Uma representa o curso, com os rapazes alinhados por alturas. À esquerda do mestre, lá estão Paulo e Dargelos, acorados no chão. Dargelos cruza os braços. Como um jogador de foot-

-ball, exhibe, com orgulho, as pernas robustas, um dos atributos da sua realeza.

A outra prova mostra-o vestido de Athalie. Os rapazes tinham ensaiado *Athalie* para uma representação na festa de Saint-Charlemagne. Dargelos quisera desempenhar o papel que dava o título à peça. Sob os véus e os ouropéis, parecia um pequeno tigre. Tinha qualquer coisa das grandes trágicas de 1880.

Enquanto Paulo e Gerardo iam recordando, Isabel entrou.

— Põe-se lá? disse Paulo, acenando com a segunda fotografia.

— Põe-se o quê? Onde?

— No tesouro?

— Que é que se põe no tesouro?

A pequena pôs uma cara desconfiada. Venerava o tesouro. Guardar um novo objecto no tesouro não era brincadeira. Exigia que a consultassem.

— Estou a consultar-te, continuou o irmão, é a fotografia do tipo que me atirou a bola de neve.

— Mostra.

Analizou demoradamente a prova e não respondeu.

Paulo acrescentou:

— Atirou-me a bola de neve e atirou com pimenta ao reitor; puseram-no fora do «tasco».

Isabel estudava, pensava, passeando, para trás e para diante, a roer a unha do polegar. Por fim, entreabiu a gaveta, meteu o retrato pela fenda, fechou-a.

— Tem cara de poucos amigos, disse ela. «Girafa», não esteja a fatigar o Paulo («Girafa» era a alcunha familiar de Gerardo): eu volto para ao pé da mamã. É preciso vigiar as enfermeiras. É muito difícil, sabe? Querem ter a *iniciativa*. Não posso deixá-las sòzinhas um minuto.

J E A N C O C T E A U

E, meia séria, meia trocista, despediu do quarto, passando a mão pelos cabelos, num gesto teatral, em passo de quem arrasta uma grande cauda.

GRAÇAS ao médico, a existência entrou num ritmo mais normal. Aquele quase conforto não exercia influência alguma sobre os pequenos, pois eles tinham o seu, que não era deste mundo. Só Dargelos poderia chamar Paulo ao liceu. Expulso Dargelos, o Condorcet era uma prisão.

Demais, o prestígio de Dargelos começava a mudar de registo. Não que diminuísse. Pelo contrário. O estudante crescia, sua boca, a sua boca espessa, suas grandes mãos, seus joelhos esfolados, tomavam, a pouco e pouco, o aspecto de uma constelação. Moviam-se, giravam dispersos pelo espaço. Não tardou que Dargelos fosse juntar-se,

no tesouro, à sua fotografia. Modelo e fotografia identificavam-se. O modelo tornava-se inútil. Uma forma abstracta idealizava o belo animal, enriquecendo os acessórios da zona mágica, e Paulo, livre, aproveitava voluptuosamente a doença, que, afinal, para ele era apenas um períodozinho de férias.

A diligência das enfermeiras não vencera a desordem do quarto. Era cada vez maior e formava ruas. Aquelas perspectivas de caixas, aqueles lagos de papel, aquelas montanhas de roupa branca eram a cidade do doente e o seu cenário. Isabel deliciava-se a destruir pontos de vista essenciais, a abater montanhas sob o pretexto de barreiras, e a alimentar, a mãos cheias, esta temperatura de tempestade sem a qual nem um nem outro poderiam viver.

Gerardo vinha todos os dias, e era sempre acolhido por saraivadas de insultos.

OS MENINOS DIABÓLICOS

Sorria, curvava a cabeça. Uma doce amizade o imunizava contra tais recepções. Já o não impressionavam; saboreava-lhes, mesmo, a carícia. Perante o seu sangue frio, os pequenos rompiam a rir, fingindo então acharem-no ridículo, «heróico», dizendo entre si coisas a respeito dele, em grande mistério.

Gerardo conhecia o programa. Invulnerável, esperava, passava revista ao quarto, procurava vestígios de qualquer recente capricho em que já não falasse. Certo dia, por exemplo, leu, riscado a sabão, em grandes letras, no espelho: *O suicídio é um pecado mortal.*

Esta divisa estridente, que subsistiu, devia representar, no espelho, o papel dos bigodes, no busto. Mas, para eles, era tão invisível como se estivesse escrita com água. Testemunhava o lirismo de episódios raros a que ninguém assistia. Se uma frase infeliz fazia depor as armas, Paulo increpava a

irmã. Abandonavam então aquela peça de caça demasiado fácil e aproveitavam a velocidade adquirida.

— Ah! suspirava Paulo, quando eu tiver o meu quarto...

— E eu o meu.

— Deve ser asseado o teu quarto!

— Mais asseado que o teu!

— Ouça, «Girafa», ele quer um lustre...

— Cala-te!

— «Girafa», ele diz que há-de ter uma esfinge de gesso em cima do fogão e quer pintar um lustre Luís XIV a *ripolin*.

Isabel ria.

— É verdade, hei-de ter uma esfinge e um lustre. És muito insignificante para comprehenderes.

— E eu, eu não quero ficar aqui. Vou viver para o hotel. Tenho uma mala pronta. Irei para o hotel. Ele que se trate sòzinho! Não quero continuar aqui. Tenho a minha

OS MENINOS DIABÓLICOS

mala pronta. Não quero viver mais com este desmazelado.

Estas cenas terminavam sempre com a língua de fora de Isabel, com a sua partida, os seus pontapés nas architecturas da desordem. Paulo cuspiam-lhe, e ela batia com a porta e outras portas se ouvia bater.

Paulo tinha, por vezes, pequenos acessos de sonambulismo. Essas crises, muito breves, apaixonavam Isabel, sem a assustarem. Só elas eram capazes de obrigar o maníaco a sair da cama.

Assim que Isabel via surgir uma longa perna a mover-se de certa maneira, não respirava mais, atenta ao manejo da estátua viva, que se punha a andar com destreza e depois se tornava a deitar e a aninhar-se.

A morte súbita da mãe suspendeu as tempestades. Os filhos adoravam-na, e, se a tra-

tavam com aspereza, era porque a supunham imortal. A coisa foi grave, pois se julgaram responsáveis, visto ela ter morrido, súbitamente, sem eles darem por isso, certa noite em que Paulo, que se levantara pela primeira vez, discutia no quarto com a irmã.

A enfermeira estava na cozinha. A disputa degenerou em batalha, e a rapariga, com a cara em fogo, procurava refúgio junto da poltrona da enferma, quando se encontrou trágicamente perante uma mulher desconhecida, que a observava com os olhos e a boca escancarados.

Os braços rígidos do cadáver, os seus dedos cravados na poltrona, immobilizaram-na numa dessas atitudes que a morte sabe improvisar e só a ela pertencem. O médico previa aquele abalo. As crianças, sòzinhas, incapazes de fazer um movimento, olhavam, lívidas, para aquele grito petreficado, para aquela metamorfose de uma pessoa em mane-

OS MENINOS DIABÓLICOS

quim, para aquele Voltaire furioso, que elas nunca tinham visto.

Tal visão marcara-os. Após as cerimónias do luto, as lágrimas, a confusão, a recaída de Paulo, as boas palavras do médico e do tio de Gerardo, que ampararam a casa por intermédio de uma enfermeira, os pequenos acharam-se sós em frente um do outro.

Em vez de tornarem penosa a lembrança da mãe, as circunstâncias fantásticas da sua morte encheram-na de prestígio. O raio que a atingira deixara-lhes dela uma imagem macabra, sem qualquer ligação com a mãe que choravam. Por outro lado, em seres tão puros, tão selvagens, toda a ausência chorada por hábito arrisca-se a esquecer. Ignoram as conveniências. É o instinto animal que os move, e nós bem conhecemos o cinismo filial dos animais. Mas o quarto alimentava-se de extraordinário. O extraordinário daquela

morte preservava a defunta como um sarcófago bárbaro e ia dar-lhe, inesperadamente, pois a infância fixa os acontecimentos graves pelos pormenores ridículos, o lugar de honra no firmamento dos sonhos.

A recaída de Paulo foi longa e pô-lo às portas da morte. Marieta, a enfermeira, tomara o seu papel a sério. O médico zangara-se. Queria calma, sossego, superalimentação. Vinha dar as suas ordens, o dinheiro preciso, e, depois, voltava, para verificar se as suas ordens tinham sido cumpridas.

Isabel, a princípio esquiva, agressiva, acabara por se deixar vencer pela cara redonda e rosada de Marieta, pelos seus caracóis grisalhos, pela sua dedicação. Dedicação a toda a prova. Doida por um neto que tinha na Bretanha, aquela avó, aquela bretã inculta, decifrava os hiroglifos da infância.

Juízes íntegros teriam achado pessoas complicadas Isabel e Paulo, teriam invocado a hereditariedade de uma tia louca, de um pai alcoólico. Complicados, eram-no eles, de-certo, como uma rosa; os juízes, esses, eram-no como a própria complicação. Marieta, simples como a simplicidade, adivinhava o invisível. Evolucionava à vontade naquele clima infantil. Não queria outro. Sentia que o ar do quarto era mais leve do que o próprio ar. O vício resistir-lhe-ia tão pouco como certos micróbios à altitude. Ar puro, vivo, onde nada de pesado, de baixo, ou de vil penetraria. Marieta admitia tudo, protegia-os, como se admite o génio e se protege o seu trabalho. E a sua simplicidade dava-lhe espírito compreensivo capaz de respeitar o génio criador do quarto, pois era bem, de facto, uma obra-prima aquilo que aquelas crianças criavam, como obra-prima eram elas próprias, uma obra-prima em que a inteligência não

OS MENINOS DIABÓLICOS

intervinha e em que o maravilhoso se fazia maravilhoso graças à humildade e à finalidade sem fim da própria obra.

Haverá necessidade de dizer que o doente se aproveitava da própria fadiga e manobrava a própria febre? Calava-se, já não reagia às injúrias.

Isabel amou, calafetou-se num mutismo desdenhoso. Porque esse mutismo a aborrecia, de dona de casa passou a desempenhar o papel de ama de meninos. Fazia-se prestável, ameigava a voz, andava em bicos de pés, mexia nas portas com mil precauções, tratava Paulo como um *minus habens*, um internado, um farrapo de meter dó.

Seria enfermeira dos hospitais. Marieta ensiná-la-ia. Fechava-se horas na sala da esquina, com o busto dos bigodes, camisas rasgadas em tiras, algodão hidrófilo, gaze e alfinetes de segurança. Via-se por toda a parte o busto de gesso, de olhos espantados,

com a cabeça embrulhada em ligaduras. Marieta morria de medo cada vez que entrava num quarto às escuras e o via nas trevas.

O médico felicitava Isabel, admirado de tal metamorfose.

E isso durava. Isabel teimava, encarnava a sua personagem. Nunca, por um minuto que fosse, os nossos jovens heróis se apercebiam do espectáculo que davam aos outros. Demais, a verdade é que não davam espectáculo algum, nem com isso se preocupavam. Nublavam de sonhos aquele quarto atractivo, voraz, e não lhes ocorria sequer occuparem o quarto vazio. Isto é, verdade, verdade, Isabel pensou uma vez nisso. Mas a lembrança da morta, sublimada pelo quarto mixto, pairava ainda naquele cenário. Pretextou ter de vigiar o doente, e ficou.

A doença de Paulo complicava-se com o crescimento. Queixava-se de cãibras, imóvel numa engenhosa pilha de almofadas. Isabel

OS MENINOS DIABÓLICOS

não o ouvia, poisava o indicador nos lábios e afastava-se, como um rapaz que entra de madrugada e atravessa o vestibulo em palmilhas, com os sapatos na mão. Paulo encollhia os ombros e voltava *àquilo*.

Em Abril, levantou-se. Não se tinha em pé. As pernas novas não o aguentavam. Isabel, profundamente vexada por ele estar mais alto do que ela uma boa mão travessa, vingava-se com uma conduta de santa. Amparava-o, sentava-o, cobria-o com xailes, tratava-o como a um velho gotoso.

Paulo parava instintivamente a estocada. A nova atitude da irmã tinha-o desconcertado de princípio. Agora apetecia-lhe ripostar; mas as regras do duelo em que se batiam desde nascença ensinaram-lhe a ser oportuno. Demais, aquela atitude passiva lisogeava-lhe a preguiça. Isabel fervia por dentro. Desta vez ainda inventaram uma luta, uma luta de sublime, e o equilíbrio restabeleceu-se.

Gerardo não podia passar sem Isabel, a qual ia tomando, insensivelmente, no seu coração, o lugar de Paulo. A bem dizer, o que ele adorava em Paulo era a casa da rua Montmartre, era — Paulo e Isabel. A força das circunstâncias transpunha a luz de Paulo para uma Isabel que deixara de ser criança, fizera-se mulher, pendia da idade em que os rapazes troçam das raparigas para a idade em que as raparigas comovem os rapazes.

Proibido de os visitar por indicação médica, tentou uma desforra, convenceu o tio a levá-los, Lisa e o doente, para a beira-mar. O tio, celibatário, rico, vivia acabrunhado por conselhos de administração. Adoptara Gerardo, filho de uma irmã viúva que morrera ao dá-lo à luz. O bom homem mandara educar Gerardo e propunha-se deixar-lhe os bens. Aceitou a ideia da viagem; descansaria um pouco.

OS MENINOS DIABÓLICOS

Gerado esperava ser corrido de insultos. Grande foi por isso a sua surpresa ao depararem-se-lhe desfeitos em agradecimentos uma santa e um cheché. Perguntava-se a si mesmo se aquilo não seria o prelúdio de uma farsa, se se não preparariam para cair sobre ele, quando uma cintilação entre as pestanas da santa e um tique nas narinas do cheché o fizeram compreender tratar-se *daquilo*. Não estava preparado. Caía de chofre no meio de um novo capítulo. Estava-se num novo período. Era preciso apanhar-lhe o ritmo. Aquela atitude cortês predizia-lhe que o tio não ia ter muito de que se queixar.

Com efeito, em vez dos demónios que temia, o tio maravilhou-se com naturezas tão sensatas. Isabel encantava:

— Sabe, trejeitava ela, o meu maninho é um nadinha tímido...

— Estafermo! resmungara Paulo entre dentes. Mas, salvo este *estafermo* percebido

pelo ouvido atento de Gerardo, o maninho remeteu-se ao silêncio.

No comboio foi-lhes preciso recorrer ao impossível para mortificarem a excitação. Graças à elegância natural das suas almas e das suas maneiras, aquelas crianças ignorantes do mundo, para quem aqueles vagões eram a personificação do luxo, tiveram artes de parecer habituadas a tudo.

Bem ou mal, as camas evocaram-lhes o quarto. Logo compreenderam estarem a pensar na mesma coisa: «No hotel, teremos dois quartos e duas camas».

Paulo não se mexia. Por entre as pestanas, Isabel ia localizando o seu perfil azulado sob a lâmpada velada. De golpe de vista em golpe de vista, esta profunda observadora verificara que depois do regime de solidão em que se fechara, Paulo, propenso a uma certa moleza, já não lhe opunha a mais pequena resistência. O recorte do queixo dele, um

OS MENINOS DIABÓLICOS

tanto fugidio, anguloso nela, irritava-a. Isabel repetia-lhe por vezes: «Paulo, o teu queixo!» como costumam fazer as mães: «Endireita-te!» ou «Põe as mãos em cima da mesa!». Paulo replicava-lhe com um palavrão; mas diante do espelho ia cuidando do seu perfil.

Um ano antes Isabel congeminara dormir com uma pinça de pau no nariz para arranjar um perfil grego. Um elástico cortava agora o pescoço do pobre Paulo, pondo-lhe um risco vermelho. Depois, resolveu mostrar-se de lado ou de três quartos.

Nenhum deles procurava agradar. Todas estas experiências privadas eram para uso interno.

Subtraído à influência de Dargelos, entregue a si próprio desde que Isabel caíra em mutismo, privado do crepitar revivificante da discórdia, Paulo lá ia na sua rota. A sua natureza fraca vergava. Isabel acertara. A

sorradeira vigilância dela caçava os mais pequenos sintomas. Odiava certas lambarices que dão breves alegrias, um sussurro, um lambar. Este temperamento, todo fogo e gelo, não admitia o t pido. Como na epístola ao anjo, de Laodiceu: *vomitava-o pela boca*. Como animal de raça que era, queria que Paulo fosse um animal de raça. E aquela rapariguinha que pela primeira vez viajava no *expresso*, em vez de escutar o «pouca-terra, pouca-terra» das engrenagens, devorava o rosto do irmão, por entre aqueles gritos de louca, aquela cabeleira de louca, aquela emocionante cabeleira de gritos flutuando, por momento, sobre o sono dos viajantes.

A chegada esperava-os uma decepção. Os hotéis estavam apinhados. Além do quarto para o tio, apenas havia outro, ao fundo do corredor. Resolveram que Paulo e Gerardo dormissem aí; Isabel ficaria numa cama armada no quarto de banho contíguo. Era o mesmo que dizer que Isabel e Paulo dormiriam no quarto, Gerardo na sala de banho. Logo na primeira noite a situação se tornou insuportável; Isabel quis tomar banho, Paulo também. Uma cólera fria, traições, portas fechadas e abertas de improviso, acabaram num banho em comum. Este banho a ferver, em que Paulo, flutuante como uma alga, rindo sem motivo no meio do va-

por, exasperava Isabel, iniciou um regime de pontapés. Os pontapés continuaram no dia seguinte, à mesa. Por cima da mesa o tio só via sorrisos. Por debaixo desenrolava-se uma guerra sorrateira.

Esta guerra de pés e cotovelos não era a única causa da transformação que se operava. O sortilégio dos pequenos começava a exercer-se. A mesa do tio tornava-se o centro de uma curiosidade traduzida em sorrisos. Isabel detestava convívios: desprezava os outros, ou então entusiasmava-se por este ou por aquele, a distância, maníacamente. Até aí as suas inclinações eram todas por galãs ou mulheres fatais de Hollywood, cujas grandes cabeças de estátuas pintadas forravam as paredes do quarto. O hotel não oferecia recursos. As famílias eram negras, feias, gluttonas. Meninas magrizelas, que os tabe-fes chamavam à ordem, encaracolavam o pescoço para a mesa maravilhosa. A dis-

OS MENINOS DIABÓLICOS

tância permitia-lhes seguirem, como num palco adrede armado, a guerra das pernas e a paz das caras.

A beleza para Isabel era apenas pretexto para caretas, pinças nasais, pomadas e trajes absurdos, improvisados de trapos, na solidão. Aqueles êxitos, longe de a enfatuarem, iam converter-se num passatempo, que seria para *aquilo* o mesmo que a pesca à linha é para o trabalho das cidades. Estavam em férias do quarto, em férias do «degredo», diziam eles, pois, esquecendo-lhe a ternura, evitando verificar-lhe a poesia, respeitando-o bem menos que Marieta, julgavam evadir-se assim da cela onde tinham sido condenados a viver jungidos à mesma cadeia.

Este entretenimento de vilegiatura começou na sala de jantar. Isabel e Paulo, apesar dos receios de Gerardo, cultivavam-no na presença do tio, que só via as suas caras de anjinhos papudos.

Tratava-se de assustar com bruscas caretas as meninas enfezadas. Para isso era preciso aguardar um concurso de circunstâncias excepcional. Depois de uma longa espera, se, num segundo de inatenção geral, uma das meninas, torcida na cadeira, olhava para a mesa, Isabel e Paulo esboçavam um sorriso, que findava numa careta horrenda. A menina, surpreendida, virava a cabeça. Isto, repetido, desmoralizava-a. Daí a pouco estava debulhada em lágrimas. Queixava-se à mãe. A mãe olhava para a mesa. Isabel sorria. A mãe sorria, e a vítima, agredida, esbofetada, não se mexia mais. Uma cotovelada era o sinal, mas esta cumplicidade desencadeava um riso destemperado. No quarto explodiam; Gerardo morria de riso com eles.

Certa tarde, uma garota que resistira a doze caretas só com baixar os olhos ao prato deitou-lhes a língua de fora, sem ninguém

OS MENINOS DIABÓLICOS

ver, quando eles se levantavam da mesa. A réplica encantou-os e desanuveou definitivamente a atmosfera. Trataram de preparar outra. Como caçadores, ou jogadores de *golf*, morriam por repisar os seus feitos. Admiravam a garota, discutiam o divertimento, complicavam as regras. Os insultos recomeçaram com mais entusiasmo.

Gerardo implorava-lhes que baixassem a voz, que fechassem as torneiras, sempre abertas, que não tentassem manter-se debaixo de água, que não se espancassem nem se perseguissem com cadeiras pelo ar e gritos de socorro. Ódios e ataques de riso misturavam-se, pois, por mais habituados que estivessem àquelas meias voltas bruscas, era impossível prever o instante em que as duas partes convulsionadas se reuniriam e se fundiriam num só corpo. Gerardo desejava e temia esse fenómeno. Desejava-o, por causa

dos vizinhos e do tio; temia-o, porque daí nasceria a aliança de Isabel e Paulo contra ele.

Breve ampliaram o divertimento. O vestibulo, a rua, a praia, as pranchas, alargaram-lhes as fronteiras. Isabel obrigava Gerardo a acompanhá-los. O bando infernal dividia-se, corria, rastejava, acocorava-se, sorria, fazia caretas, semeando o pânico. As famílias arrastavam crianças com o pescoço desengonçado, as bocas escancaradas e os olhos fora das órbitas. Havia tabefes, açoites, castigos, encarceramentos em casa. Nada deteria este flagelo, se não fosse a descoberta de um outro divertimento.

Este divertimento era o roubo. Gerardo seguia-os, sem ousar exteriorizar os seus receios. Esses roubos só tinham por fim o próprio roubo. Não havia neles nem cupidez nem tentação do fruto proibido. Bastava

OS MENINOS DIABÓLICOS

morrer de medo. Dos armazéns onde entravam com o tio saíam com os bolsos cheios de objectos sem serventia alguma. A regra proibia roubar objectos úteis. Um dia, Isabel e Paulo quiseram obrigar Gerardo a tirar um livro, por ser em francês. Gerardo foi perdoado com a condição de roubar «uma coisa difficilima» — decretou Isabel — como, «por exemplo: um regador».

O desgraçado, embuçado pelos garotos numa grande capa, levou a cruz ao calvário entre agonias. Tão inábil foi a sua attitude e tão cómica a corcunda feita na capa pelo regador, que o quinquilheiro, crédulo pela inverosimilhança, os seguiu demoradamente com os olhos. «Anda! anda! idiota!» murmurava Isabel. «Estão a olhar para nós». À esquina das ruas perigosas tomavam fôlego e davam às de vila-Diogo.

Gerardo sonhou de noite com um caranguejo a mordê-lo nos ombros. Era o quin-

quilheiro. Chamava a polícia. Prendiam Gerardo, o tio deserdava-o, etc.

Os roubos — argolas de cortinas, chaves de parafusos, interruptores, etiquetas, alpargatas números 40 — amontoavam-se no hotel, formando uma espécie de tesouro de viagem, como pérolas falsas de mulheres que deixam as verdadeiras em cofres fortes, quando partem em viagem.

O que havia de mais fundo nesta conduta de crianças incultas, inconvenientes até ao crime, incapazes de distinguirem o bem do mal, manifestava-se, em Isabel, num como que instinto, que a levava, com todas estas atitudes de autêntico pirata, a concorrer para agravar a tendência natural que receava em Paulo. Paulo, abatido, assustado, desfigurado, correndo, injuriando, já não ria por tudo, como dantes. Ver-se-á até onde Isabel levava o seu método intuitivo de reeducação.

OS MENINOS DIABÓLICOS

Regressaram. Graças ao sal de um mar que eles tinham olhado distraidamente, vinham com forças que lhes decuplicavam as aptidões. Marieta achou-os irreconhecíveis. Ofereceram-lhe um broche que não tinha sido roubado.



F OI só a partir desta data que o quarto se fez ao largo. Era maior a sua envergadura, a sua arrumação mais perigosa, mais altas as suas vagas.

No mundo estranho das crianças qualquer pode fazer a prancha e deixar-se ir. À semelhança da do ópio, a lentidão era ali tão perigosa como um *record* de velocidade.

Todas as vezes que o tio saía em viagem, em inspecção de fábricas, Gerardo ia dormir à rua Montmartre. Deitavam-no sobre montes de almofadas e cobriam-no com casacos velhos. Diante dele, as camas eram como que um palco. O ensaio de luz do teatro constituía

um prólogo, que dava imediatamente o tom ao drama. De facto, o candeeiro estava por cima da cama de Paulo. Paulo tapava-o com um bocado de gaze. A gaze enchia o quarto de uma luz vermelha que toldava a vista de Isabel. Isabel esbravejava, levantava-se e ia tirar a gaze. Paulo tornava a pô-la no mesmo sítio; depois de uma refrega, em que cada um puxava pela sua ponta, Paulo vencida e maltratava a irmã, e tornava a tapar a lâmpada. Desde a praia que Paulo dominava Isabel. As apreensões de Lisa ao verificar, quando ele se levantara, que Paulo tinha crescido eram bem fundadas. Paulo não continuaria a aceitar o papel de doente e a cura moral no hotel excedia todas as expectativas. Por mais que ela dissesse: «O cavalheiro acha tudo muito agradável. Um filme é muito agradável, uma poltrona é muito agradável, a grenadina e a orchata são muito agradáveis. Olha, «Girafa», dá-me náuseas! Olha-me bem

OS MENINOS DIABÓLICOS

para ele! Repara. Como ele se lambel! Olha-me aquela cabeça de vitelo». Lisa bem sentia nele o homem a tomar o lugar do menino de mama. Como nas corridas, Paulo ganhava-lhe quase por uma cabeça. O próprio quarto o proclamava. Em cima era o quarto de Paulo: não tinha de fazer o mais pequeno esforço para apanhar, à mão ou a olho, os acessórios do sonho. Em baixo era o quarto de Isabel, e essa, quando precisava dos seus, tinha de esquadrinhar, de mergulhar, como quem procura a bacia de noite.

Mas Isabel não tardou a achar novos tormentos e a recuperar as vantagens perdidas. Lisa, que outrora esgrimia com armas de rapaz, virou-se para as reservas de uma natureza feminina novinha em folha e pronta a servir. Eis por que ela acolhia Gerardo com prazer; pressentia ser-lhe útil ter um público e pressentia que os tormentos de Paulo seriam maiores, se tivessem espectador.

O espectáculo do quarto abria às onze da noite. Só havia *matinéés* aos domingos.

Com dezassete anos Isabel parecia ter dezassete; Paulo, com quinze, parecia ter dezanove. Saía. Arrastava-se. Ia ver filmes *muito agradáveis*, ouvir músicas *muito agradáveis*, seguir pequenas *muito agradáveis*. Quanto mais *pequenas* essas pequenas fossem, tanto mais ele se lhes agarrava, tanto mais as achava *agradáveis*.

Ao regressar, descrevia os encontros que tivera. Punha nisso uma franqueza maníaca. Tal franqueza, despida de vício, tornava-se-lhe na boca o contrário do cinismo: era o cúmulo da inocência. A irmã interrogava, troçava, aborrecia-se. De súbito, sentia-se ferida por um pormenor que a ninguém poderia ferir. Tomava imediatamente atitudes dignas, desdobrava um jornal e, escondida atrás das folhas abertas, consagrava-se a uma leitura minuciosa.

OS MENINOS DIABÓLICOS

Geralmente, Paulo e Gerardo combinavam encontrar-se entre as onze e a meia-noite no terraço de uma cervejaria de Montmartre; entravam juntos. Isabel espiava o baque surdo da porta da rua, passeava no vestibulo para trás e para diante, agonizava de impaciência.

A porta da rua dizia-lhe quando devia deixar o seu posto. Corria para o quarto, sentava-se e pegava no polidor.

Vinham encontrá-la sentada, com uma rede na cabeça, a língua ao canto da boca, a polir as unhas.

Paulo despia-se, Gerardo enfiava o roupão; instalavam-no, entalavam-lhe a roupa, e o génio do quarto vibrava as três pancadas.

Insistamos ainda: nenhum dos protagonistas desta peça, nem mesmo o que fazia de espectador, tinha a consciência de representar um papel. A esta inconsciência primitiva devia a peça a sua juventude eterna. Sem que

eles dessem por isso, a peça (ou o quarto, se quiserem) baloiçava-se à beira do mito.

A gaze banhava o cenário numa penumbra púrpura. Paulo deslizava, inteiramente nu, arranjava a cena, alisava a roupa, construía o abrigo de almofadas, dispunha os seus ingredientes numa cadeira. Isabel, apoiada ao cotovelo esquerdo, os lábios finos, severos, tal qual uma boneca, olhava fixamente o irmão. Com a mão direita coçava a cabeça até esfolar. Depois, untava as esfoladuras com creme, que ia extraíndo de um boião de pomada poisado no travesseiro.

— Idiota! exclamava Paulo, e acrescentava:

— Aqui está um espectáculo que eu não posso tolerar: esta idiota e o seu creme. Como leu num jornal que as actrizes americanas se esfolam para depois se untarem com pomadas... Julga que faz bem ao couro cabeludo...

— Gerardo!

OS MENINOS DIABÓLICOS

— Quê?

— Está a ouvir?

— Sim.

— Gerardo, você quis ter a gentileza de ficar... Durma, não ouça este tipo.

Paulo mordia os beiços. Os seus olhos rutilavam. Havia um silêncio. Por fim, perante o olhar húmido, quebrado, sublime, de Isabel, ele deitava-se, aconchegava a roupa, experimentava poses de nuca, e não hesitava em tornar a erguer-se e a reabrir os lençóis quando o interior da cama não correspondia exactamente ao seu ideal de conforto.

Mas, atingido ele, não havia forças humanas capazes de o arrancarem do seu lugar. Aquilo era mais do que deitar-se, era embalsamar-se. Rodeava-se de faixas, de alimentos, de *bibelots* sagrados. Partia para as sombras.

Isabel esperava. Disso dependia a sua entrada em cena. Parecia impossível como eles podiam representar todas as noites a

mesma peça, durante quatro anos, sem alterar um cordelinho. Salvo um ou outro retoque, a peça era sempre a mesma. Quem sabe se aquelas almas ignorantes, fiéis a uma ordem oculta, cumpriam uma manobra tão estranha como a que todas as noites fecha as pétalas das flores.

Os retoques eram dados por Isabel. Preparava surpresas. Certo dia pôs de lado a pomada, curvou-se até ao chão e tirou de debaixo da cama uma saladeira de cristal. Dentro, havia lagostins. Estreitou-a de encontro ao peito, cingiu-a com os belos braços nus, e os olhos, cheios de gula, puseram-se-lhe a fitar a saladeira e o irmão.

— Gerardo, um lagostim, vá, vá, nem se sente a boca.

Isabel sabia que Paulo era louco por pimenta, por açúcar, por mostarda. Comia-os com pão.

OS MENINOS DIABÓLICOS

Gerardo levantou-se. Tinha medo de fazer zangar a pequena.

— Que nojo! murmurou Paulo. Ela detesta os lagostins. Detesta a pimenta. Está a fazer das tripas coração. Tem a boca a arder de propósito.

A cena dos lagostins tinha de prolongar-se até que Paulo, sem poder mais, implorasse um a Isabel. Então ela fazia dele o que queria, castigava-lhe a gulodice, que detestava.

— Gerardo, haverá coisa mais abjecta que um tipo de dezasseis anos a mendigar um lagostim? Era capaz de lamber o chão, poder a certeza, até era capaz de andar a quatro... Não! Não lho leve, ele que se levante, que venha cá! É o cúmulo da miséria! Aquela grande pileca, incapaz de dar um passo, está ali a rebentar de gulodice e sem fazer um esforço. Se lhe não dou um lagostim é porque tenho vergonha dele...

Seguiam-se oráculos. Isabel só nas noites em que se sentia em forma, possuída pelo deus, é que os proferia, sentada num tripé.

Paulo tapava as orelhas ou então punha-se a ler um livro; lia em voz alta. Saint-Simon, Charles Baudelaire tinham as honras da cadeira. Depois dos oráculos, ele dizia:

— Ouve, Gerardo, e continuava a leitura em voz alta:

*J'aime son mauvais goût, sa jupe bigarrée,
Son grand châle boiteux, sa parole égarée,
Et son front rétréci.*

Declamava a estrofe soberba sem dar conta de que ela era como que a ilustração do próprio quarto e da beleza de Isabel.

Isabel tinha pegado num jornal. Numa voz que procurava imitar a voz de Paulo lia os casos da rua. Paulo gritava: «Basta! basta!» Mas ela continuava, inalteravelmente.

OS MENINOS DIABÓLICOS

Então, como aquela «fúria» o não podia ver lá detrás do jornal, ele arrancou um braço do fundo da roupa, e, antes que Gerardo pudesse intervir, atirou-lhe violentamente com leite.

— Miserável! Bárbaro!

Isabel sufocava de raiva. O jornal pegara-se-lhe à pele, como um esfregão molhado, e o leite encharcava-a. Mas, quando Paulo esperava uma crise de choro, Lisa calou-se.

— Olhe, Gerardo, disse ela, ajude-me, pegue na toalha, enxugue, leve o jornal para a cozinha. Eu, murmurou ela, que ia precisamente dar-lhe os lagostins... Quer um? Cuidado, o leite está a correr. Tem a toalha? Obrigada.

O tema dos lagostins repetiu-se quando Paulo ia pegar no sono. Já não queria lagostins. Aparelhava. As suas gulas caíam por terra, aligeiravam-no, entregavam-no, atado de pés e mãos, ao rio dos mortos.

Era o momento supremo: Isabel punha em prática toda a sua ciência de provocadora, para o interromper. Adormecia-o com negações e depois aproximava-se da cama, punha a saladeira em cima dos joelhos.

— Vamos, animal sórdido, não sou tão má como me pintam. Aqui tens o teu lagostim.

O desgraçado soerguia para fora do sono uma cabeça pesada, uns olhos pegados, inchados, uma boca que já não respirava ar humano.

— Vamos, come. Dizes que queres e não queres. Come ou vou-me embora.

Então, como um decapitado que procurasse um contacto supremo com o mundo, Paulo entreabria os lábios.

— É preciso ver para acreditar. Eh, Paulo! Eh lá, o teu lagostim!

Quebrava-lhe a casca, metia-lhe a carne entre os dentes.

OS MENINOS DIABÓLICOS

— Estás a mastigar em sonhos! Olha, Gerardo! Olha, que engraçado. Que guloso! É preciso ser-se ignóbil!

E com um ar sábio de especialista, Isabel prosseguia na sua tarefa. Dilatava as narinas, deitava a língua de fora. Grave, paciente, corcunda, tinha qualquer coisa de uma louca a deitar comida na boca de uma criança morta.

De toda esta sessão instrutiva, Gerardo só fixou uma coisa: Isabel tratara-o por tu.

No dia seguinte tentou tratá-la também por tu. Receava uma bofetada, mas ela adoptara o tu e Gerardo sentia com isso uma carícia profunda.

AS noites no quarto prolongavam-se até às quatro horas da manhã. Isto fazia acordar tarde. Pelas onze horas, Marieta trazia café com leite. Deixavam-no arrefecer. Readormeciam. Ao acordarem, pela segunda vez, o café com leite, frio, perdera a graça. Ao acordarem, pela terceira vez, já não se levantavam. O café com leite podia envelhecer à vontade nas chávenas. Seria melhor mandar Marieta ao café Charles, aberto há pouco nos baixos do prédio. Marieta voltava com sanduíches e aperitivos.

A bretã teria preferido, naturalmente, que a deixassem preparar os seus cozinhados burgueses, mas recalrava os seus métodos e pres-

tava-se de bom grado às extravagâncias dos meninos.

Às vezes empurrava-os até à mesa, servia-os à força.

Isabel punha um casaco por sobre a camisa de noite, sentava-se, sonhadora, cotovelos em cima da mesa e a cara numa das mãos. Todas as suas poses eram imitações das mulheres alegóricas que representam a Ciência, a Agricultura, os Meses. Paulo baliçava-se na cadeira, quase nu. Tanto um como outro comiam, calados, como saltimbancos entre duas exposições. Pesava-lhes o dia. Sentiam-no vazio. Havia uma corrente que os arrastava para a noite, para o quarto onde eles recomeçavam a viver.

Marieta sabia limpar sem alterar a desordem. Entre as quatro e as cinco, cosia no quarto da esquina, transformado em rouparia. À noite preparava a ceia e voltava para casa. Era a hora em que Paulo vagueava pelas ruas

OS MENINOS DIABÓLICOS

desertas, à cata de pequenas que se parecessem com o soneto de Baudelaire.

Só em casa, Isabel, perdida entre os móveis, tomava as suas atitudes altivas. Quando saía era para comprar surpresas, e voltava a correr para escondê-las. Rodava de casa em casa, angustiada pelo quarto onde tinha morrido uma mulher que não era nada a mãe que nele vivera.

O seu mal-estar fazia-se maior com o declinar do dia. Então penetrava no quarto invadido pelas trevas. Ficava parada no meio dele. O quarto soçobrava, afundava-se, e a órfã deixava-se engolir, os olhos fixos, as mãos pendentes, de pé como um capitão na tolda do seu navio.

HÁ casas assim, existências destas capazes de deixar estupefactas as pessoas de senso. Ser-lhes-ia impossível compreender uma desordem que parecia não poder durar quinze dias e durava anos. Ora há muitas destas casas, destas existências problemáticas, ilegais, por impossível que isso pareça. Mas numa coisa a razão se não engana; se a força das circunstâncias é uma força, acabará por fazê-las soçobrar.

Os seres singulares e os seus actos associativos são todo o encanto de um mundo plural que os repele. É angustiosa a velocidade adquirida pelo ciclone em que respiram estas almas trágicas e volúveis. Tudo começa por infantilidades; de começo tudo são brincos.

Três anos passaram, pois, na rua Montmartre, num ritmo monótono de uma intensidade sem desfalecimentos. Isabel e Paulo, feitos para a infância, continuavam a viver como se dormissem em dois berços lado a lado. Gerardo amava Isabel. Isabel e Paulo adoravam-se, dilaceravam-se. De quinze em quinze dias, depois de uma cena nocturna, Isabel arranjava a mala e participava que ia viver para o hotel.

As mesmas noites violentas, as mesmas manhãs pastosas, as mesmas tardes compridas em que eles eram como destroços, como toupeiras em pleno dia. Acontecia Isabel e Gerardo saírem juntos. Paulo ia aos seus prazeres. Mas o que eles viam, o que eles ouviam, era como se lhes não pertencesse. Escravos de um código inflexível, traziam tudo consigo para o quarto, onde se destilava o mel.

Nunca vinha à ideia daqueles órfãos que a vida é luta, a existência deles contrabando,

OS MENINOS DIABÓLICOS

que o destino os tolerava, fechava os olhos. Achavam perfeitamente natural viverem à custa do médico e do tio de Gerardo.

A riqueza é uma aptidão, a pobreza também. Um pobre que enriquece exhibirá uma pobreza luxuosa. Aqueles eram tão ricos que não havia riqueza capaz de lhes alterar a vida. Podia a fortuna vir ter com eles enquanto dormiam; não dariam por ela ao acordar.

Negavam o preconceito contra a vida fácil, os costumes fáceis, e, sem saberem, punham em prática essas «*admiráveis faculdades de vida sóbria e ligeira corrompidas pelo trabalho*» de que fala um filósofo.

Projectos de futuro, estudos, lugares, diligências pela vida davam-lhes tanto cuidado como a um cão de luxo o guardar um rebanho. Nos jornais, liam os crimes. Eram da raça

daqueles que falsificam os modelos, daqueles que uma caserna como Nova York reformam mas prefere ver viver em Paris.

Por isso nenhuma consideração de ordem prática determinou a atitude que Gerardo e Paulo verificaram haver-se operado de súbito em Isabel.

Isabel queria trabalhar. Estava farta de uma vida de criada. Não queria saber de Paulo para coisa nenhuma. Tinha dezanove anos, definhava, não continuaria naquela vida um só dia mais.

— Comprendes, Gerardo, repetia ela, Paulo é livre, e, de resto, é um incapaz, um nulo, um burro, um atrasado. É preciso que eu saiba contar só comigo. Demais, que seria de ele, se eu não trabalhasse? Trabalharei. Arranjarei um lugar. É preciso.

Gerardo compreendia. Acabava precisamente de compreender. Um motivo novo ornava o quarto. Paulo embalsamado, pronto

OS MENINOS DIABÓLICOS

a *partir*, escutava todas aquelas injúrias novas, poferidas em tom grave.

— Pobre pequeno, prosseguia ela, é preciso ajudá-lo. Ainda está muito doente, sabes. O médico... (Não, não, «Girafa», está a dormir) ...o médico assusta-me muito. Lembra-te de que uma bola de neve foi o bastante para o deitar abaixo, para o fazer abandonar os estudos. A culpa não é dele, não o censuro, mas é um doente que eu tenho a meu cargo.

— Infecta, oh! infecta, pensava Paulo, que fingia dormir e cuja agitação se traduzia em tiques.

Isabel espiava-o, calava-se como um carasco experimentado, voltava a pedir conselhos, a lastimá-lo.

Gerardo falava-lhe no bom aspecto de Paulo, na sua estatura, na sua força. Ela replicava-lhe lembrando-lhe a fraqueza dele, a sua glotonaria, a sua passividade.

Se acontecia ele mexer-se, incapaz de se

conter por mais tempo, fingia acordar, e ela então perguntava, com uma voz meiga, se ele precisava de qualquer coisa, e mudava de assunto.

Paulo tinha dezassete anos. Desde os dezasseis que parecia ter vinte. Os lagostins e o açúcar já não bastavam. A irmã elevava o tom.

O subterfúgio do sono colocava Paulo numa posição tão desfavorável que ele acabou por preferir a refrega. Explodiu. Os queixumes de Isabel tomaram imediatamente a categoria de invectivas. A sua preguiça era criminosa, imunda. Assassina a sua irmã. Vivia à custa dela.

Isabel, em compensação, era uma fanfarrona, uma garoteca, uma burra, sem préstimo para nada.

A estocada obrigou Isabel a pôr os seus projectos em prática. Pediu a Gerardo que a recomendasse a uma importante casa de mo-

OS MENINOS DIABÓLICOS

das cuja proprietária era sua conhecida. Faria-se empregada. Trabalharia!

Gerardo apresentou-a à modista, que ficou estupefacta com tamanha beleza. Infelizmente, para se ser empregada, era preciso saber línguas. Só lhe podia dar o lugar de manequim. Já tinha outra órfã, Ágata; confiar-lhe-ia Isabel, que nada tinha a recear do meio.

Empregada? Manequim? Era-lhe indiferente. Proporem-lhe o lugar de manequim era mesmo como se lhe oferecessem um lugar no teatro. Aceitou o contrato.

Eis uma das curiosas consequências deste triunfo.

— Paulo vai envenenar-se, previa ela.

Ora, sem sombra de comédia, estimulado sabe-se lá por que antídoto, Paulo, tomado de um violento furor, pôs-se a gesticular, a gritar, que não queria ser irmão de uma *pêga*

e que então era preferível que ela fosse para as esquinas.

— Para me encontrar contigo, ripostou ela. Não, isso não me agrada.

— Além disso, chalaceou Paulo, parece que nunca te viste a um espelho. Deves fazer uma figura ridícula. Não tardará muito que te mandem embora com um pontapé no cu. Manequim? Enganaste-te na porta. Devias antes ter-te empregado como espantalho.

O gabinete dos manequins é uma prova árdua. É como o primeiro dia de escola: a mesma angústia, as mesmas partidas de estudantes. Isabel, ao sair de uma penumbra interminável, sobe para a berlinda, envolta na luz dos projectores. Julgava-se feia e esperava pelo pior. A sua magnificência de animal novo feria aquelas raparigas pintadas e lãsas, mas congelava-lhes os motejos. Inveja-

OS MENINOS DIABÓLICOS

vam-na e apartavam-se dela. Tal quarentena tornou-se-lhe dolorosa. Isabel procurava imitar as suas colegas; espiava-lhes a maneira de caminhar para as clientes como se lhes fossem pedir explicações públicas e, depois, quando chegavam junto delas, aquele modo de lhes virar as costas com um ar desdenhoso. O seu género não era compreendido. Davam-lhe vestidos modestos, que a mortificavam. Substituía Ágata.

Entre as duas órfãs nasceu uma amizade fatal, doce, ainda desconhecida de Isabel. Sofriam as mesmas dores. Nos intervalos das passagens de modelos, de blusas brancas, abafavam-se em peles, trocavam livros, confidências, reconfortavam-se uma à outra. Mas o certo é que assim como uma peça feita pelo operário do subsolo se ajusta à peça feita pelo operário do último andar, Ágata entrou em pé de igualdade no quarto.

Isabel contava com uma certa resistência do irmão. «Tem nome de berlinde», prevenira Isabel. Paulo declarou que era um nome ilustre, uma rima de «fragata» num dos mais belos poemas do mundo.

O mecanismo que conduzira Gerardo de Paulo a Isabel conduzia Ágata de Isabel a Paulo. Este era um exemplar menos inacessível. Paulo sentiu-se perturbado na presença de Ágata. Muito pouco dado à análise, catalogou a órfã entre as coisas *agradáveis*.

Ora Paulo acabava de transportar para Ágata, sem dar por isso, as massas confusas de um sonho que acumulara sobre Dargelos.

A revelação fulminante deu-se uma noite em que as duas raparigas tinham ido visitar o quarto.

Explicava Isabel o tesouro, quando Ágata se apoderou da fotografia de Athalie, num

grito: «Vocês têm a minha fotografia?», numa voz tão estranha que Paulo ergueu a cabeça do sarcófago, apoiando-se nos cotovelos como os jovens cristãos de Antinoe.

— Não é a tua fotografia, disse Isabel.

— É verdade, o traje não é o mesmo. Mas é incrível. Fico com ela. É exactamente. Sou eu, sou eu. Quem é?

— Um rapaz, minha querida. É o tipo do Condorcet que agrediu o Paulo com uma bola de neve... Parece-se contigo, na verdade. Paulo, achas que a Ágata se parece com ele?

Mal foi evocada a semelhança invisível, que só esperava um pretexto para explodir — explodiu. Gerardo reconheceu o perfil funesto. Ágata, virada para Paulo, brandia o cartão branco, e Paulo, na sombra púrpura, viu Dargelos brandindo a neve. Sentiu no peito a pancada.

Deixou descair a cabeça:

— Não, minha filha, disse ele, numa voz

OS MENINOS DIABÓLICOS

baça, é a fotografia que se parece; você, você não se parece nada com ele.

Esta mentira apoquentou Gerardo. A semelhança metia-se pelos olhos dentro.

Na verdade, Paulo nunca remexia certas lavas da alma. Essas camadas profundas eram demasiado preciosas, e ele receava a sua própria inépcia. O *agradável* detinha-se no limiar daquela cratera cujos vapores estrondosos o incensavam.

Desde aquela noite teceu-se entre Paulo e Ágata um tecido de fios entrecruzados. Uma desforra do tempo derrubava as prerogativas. O altivo Dargelos, que feria os corações com um amor insolúvel, metamorfoseava-se numa rapariga tímida, que Paulo ia dominar.

Isabel voltara a atirar com a fotografia para o fundo da gaveta. No dia seguinte encontrou-a em cima do fogão. Franziu as sobranceiras. Não disse palavra. Só a sua

cabeça trabalhava. À luz de uma inspiração súbita, reconheceu que todos os apaches, todos os detectives, todas as estrelas americanas espetadas por Paulo nas paredes se pareciam com a órfã e com Dargelos-Athalie.

Apoderou-se dela uma inquietação sem objecto, que a sufocava. É demais, dizia de si para consigo. Tem segredos para mim. Faz batota. Pois bem: visto que ele fazia batota, ela também a faria. Aproximar-se-ia de Ágata, desleixaria Paulo, sem deixar transparecer a mais pequena curiosidade.

O ar de família das caras espalhadas pelas paredes do quarto era um facto. O espanto de Paulo não seria pequeno se lhe tivessem chamado a atenção para tal. O tipo que ele perseguia, perseguia-o obscuramente. Julgava não ser dado a isso. Ora a influência que aquele tipo exercia sobre a irmã introduziu na sua desordem linhas direitas, implacáveis, a caminho uma da outra, como as duas linhas

OS MENINOS DIABÓLICOS

hostis que da base se vão reunir no alto dos frontões gregos.

Ágata e Gerardo compartilhavam o quarto incorrecto, que cada vez se parecia mais com um acampamento de ciganos. Só faltava o cavalo; as crianças esfarrapadas não. Isabel propôs-se trazer Ágata para casa. Marieta preparar-lhe-ia o quarto vazio; para ela, esse quarto não tinha recordações tristes. «O quarto da mamã» era penoso quando se tinha visto, quando se evocava, quando se esperava de pé que a noite chegasse. Iluminado, limpo, podia dormir-se nele à vontade.

Ágata, ajudada por Gerardo, trouxe algumas malas. Já estava a par dos hábitos, das noitadas, dos sonos, das discórdias, das tempestades, das bonacheirices, do café Charles e das suas sanduíches.

Gerardo esperava-as à porta dos mane-

quins. Ou se punham a vaguear ou regressavam à rua Montmartre. Marieta deixava um jantar frio. Comiam onde quer que fosse, menos à mesa, e no dia seguinte a bretã tinha de se pôr à cata das cascas dos ovos.

Paulo quis aproveitar depressa a desforra que a sorte lhe proporcionava. Incapaz de se fazer passar por Dargelos e de imitar a sua arrogância, lançava mão das velhas armas que lá havia pelo quarto, isto é, atormentava Ágata grosseiramente. Isabel replicava por ela. Paulo servia-se então da humilde Ágata para ferir a irmã por tabela. E ali cada um dos quatro órfãos tinha a sua parte: Isabel, que descobrira uma maneira de complicar os seus diálogos; Gerardo, a quem deixavam tomar fôlego; Ágata, fascinada pela insolência de Paulo, e o próprio Paulo, pois a insolência dá prestígio, e ele nunca teria explorado um tal prestígio, não sendo, como não

OS MENINOS DIABÓLICOS

era, Dargelos, se Ágata não lhe desse pretexto para injuriar a irmã.

Ágata gozava como vítima, sentia o quarto cheio duma electricidade de amor, em que os choques mais brutais eram inofensivos e o próprio ozone vivificante.

Seu pai fora um cocainómano que a maltratava e se suicidara com um bico de gás. No seu prédio vivia o administrador de uma grande casa de modas. Quis vê-la, apresentou-a à directora. Começou por trabalhos subalternos, depois conseguiu que a deixassem passar vestidos a ferro. Ela sabia bem o que eram pancadas, insultos, farsas sinistras. O que se passava no quarto sacudia-a: e lembrava-lhe as vagas que bramem, o vento que esbofeteia e o raio malicioso que despe um pastor no cume dum monte.

Apesar desta diferença, uma casa de drogas havia-a instruído sobre as penumbras, as ameaças, as perseguições que partem os mó-

veis, as carnes frias comidas à noite. Nada do que na rua Montmartre poderia escandalizar uma rapariga lhe causou estranheza. Tinha tido uma rude escola e o regime dessa escola imprimira-lhe em torno dos olhos e das narinas esse qualquer coisa de arisco que se poderia confundir de princípio com a arrogância de Dargelos.

Lá no quarto, pode dizer-se que ela subiu, decerto, ao céu do seu inferno. Vivia, respirava. Nada a inquietava. E nunca receou que os seus amigos acabassem nas drogas, pois era sob a acção de uma droga natural, rival, que eles agiam, e tomar drogas teria sido para eles pôr o branco no branco, o preto no preto.

Acontecia, porém, caírem em delírio: a febre revestia o quarto de espelhos deformantes. Então Ágata ficava triste. Perguntava-se a si mesma se o facto de ser natural faria com que a droga misteriosa fosse menos exigente

OS MENINOS DIABÓLICOS

e se, afinal, o resultado de todas as drogas não seria a mesma asfixia pelo gás.

Uma queda de lastro, um reconquistar de equilíbrio, desanuviava-a de dúvidas — tranquilizava-a.

Mas a droga subsistia. Isabel e Paulo tinham nascido com essa substância fabulosa no sangue.

As drogas procedem por épocas e mudam os fundos. Essa mudança de fundos, esses diferentes estádios de um ciclo de fenómenos, não é coisa que se produza de uma só vez. A passagem é insensível e provoca uma zona intermédia de confusão. Para formarem novos desenhos as coisas movem-se às avessas.

Aquilo tinha cada vez menos importância na vida de Isabel e até na de Paulo. Gerardo, absorvido por Isabel, deixara-se disso. Os dois irmãos tentavam ainda e irritavam-se por não serem capazes de o conseguir. Não *par-*

tiam. Sentiam-se distraídos, importunados na linha do sonho. Em verdade era para outra parte que eles partiam. Quebrantados pelo exercício que os projectava fora de si, chamavam distracção à nova moda que os mergulhava neles mesmos. Uma intriga de tragédia de Racine tomava o lugar das máquinas empregadas pelo poeta para fazer aparecer e desaparecer os deuses de Versalhes. Os seus divertimentos estavam em plena desorganização. Descer dentro de si mesmo requer uma disciplina de que eles eram incapazes. Lá dentro de si só achavam trevas, fantasmas de sentimentos. «Zut! Zut!...», gritava Paulo numa voz furiosa. Todos levantavam a cabeça. Paulo enraivecia-se por não poder *partir* para as sombras. Aquele «Zut!» exprimia o seu mau humor por ter sido interrompido à beira *daquilo* pela lembrança de um gesto de Ágata. Responsabilizava-a disso e virava contra ela o seu mau humor. A causa daquela

OS MENINOS DIABÓLICOS

algazarra era demasiado simples para que Paulo intimamente, e exteriormente Isabel, se pudessem aperceber dela. Isabel, que, pelo seu lado, tentava também despedir para o largo sem o conseguir, caída como estava em tristes meditações, aproveitava rapidamente aquele pretexto para sair de si mesma. O rancor amoroso do irmão iludia-a. Para si mesma, Isabel dizia: «É a Ágata que o irrita por causa das suas parecenças com aquele tipo». E o casal, tão inábil a decifrar-se quanto outrora era hábil a resolver o insolúvel, servia-se de Ágata para prosseguir no seu diálogo de injúrias.

Quem muito grita enrouquece. O diálogo ia afrouxando, cessava, e os guerreiros sentiam-se vítimas duma vida real que invadia o sonho, acotovelava a vida vegetativa da infância, exclusivamente povoada por objectos inofensivos.

Que instinto de conservação desorienta-

dor, que reflexo da alma teria feito vacilar a mão de Isabel no dia em que ela deitou Dargelos ao tesouro? Sem dúvida, foram eles, esse instinto e esse reflexo, a origem desse outro instinto, desse outro reflexo que levou Paulo a gritar: «Mete-se lá?», numa voz alegre e pouco de acordo com a sua desgraça. A verdade é que a fotografia não era inofensiva. Paulo tivera aquela ideia como uma pessoa descoberta em flagrante delicto que finge uma voz jovial e inventa uma patranha qualquer; Isabel aceitara a ideia sem entusiasmo e saíra do quarto com uma pantomina trocista com a qual queria intrigar Paulo e Gerardo, no caso de haver alguma conspiração contra ela, e dar a entender saber tudo.

Viu-se; o silêncio da gaveta amassou lentamente, maldosamente, a imagem, e não teve graça nenhuma que Paulo a tivesse identificado, na extremidade do braço de Ágata, com a bola de neve misteriosa.

SEGUNDA PARTE



HAVIA alguns dias já que o quarto oscilava. Isabel torturava Paulo por um sistema de segredos e de alusões incompreensíveis ao que quer que fosse de *agradável* (ela insistia nisso) em que ele não participava. Dava a entender que Ágata era sua confidente, Gerardo seu cúmplice, e piscava o olho quando parecia que as alusões iam esclarecer-se. O êxito deste sistema ultrapassou a sua expectativa. Paulo estorcia-se na grelha, queimado pela curiosidade. Só o orgulho o impedia de chamar Gerardo ou Ágata de parte; demais, qualquer deles deveria estar proibido por Isabel de abrir bico, sob pena de zanga.

A curiosidade venceu. Esperou o trio junto àquilo a que Isabel chamava «a porta das artistas» e viu que um jovem desportista as aguardava, com Gerardo, em frente do estabelecimento. Depois todos se meteram num automóvel.

À noite, a cena atingiu o paroxismo. Paulo chamou *pêgas infectas* à irmã e a Ágata; a Gerardo chamou-lhe alcoviteiro. Ia deixar o quarto. Podiam lá meter homens. Era de prever. Os manequins eram todos *pêgas, pêgas* de baixa extracção! Isabel era uma cadela com cio que arrastava Ágata consigo, e Gerardo, sim, Gerardo, o responsável de tudo.

Ágata chorava. Conquanto Isabel, que fazia interrupções numa voz serena, dissesse: «Deixa-o, Gerardo... é um tipo grotesco...», Gerardo zangou-se, explicou que o rapaz era conhecido do tio, que se chamava Micael, que era um judeu americano, que tinha uma fortuna colossal, e que projectavam acabar com

OS MENINOS DIABÓLICOS

toda aquela conspiração, que pensavam apresentar-lho.

Paulo vociferou que recusava conhecer esse «judeu infame» e que no dia seguinte, à hora do encontro, lhe partiria a cara.

— É indecente, prosseguia ele, os olhos estrelados de ódio, que tu e o Gerardo queiram arrastar essa pobre pequena, atirá-la para os braços desse judeu; talvez a queiram vender, não?

— Enganas-te, meu filho, replicou Isabel. Previno-te, como boa amiga, que vais por mau caminho. O Micael anda atrás de *mim*, quer casar comigo e agrada-me muitíssimo.

— Casar contigo? Casar contigo! Mas tu estás doida, mas tu nunca te viste a um espelho, mas tu és *incasável*, feia idiota! És a rainha das idiotas! O tipo jurou gozar-te, fazer pouco de ti!

E ria, com um riso convulsivo.

Isabel sabia perfeitamente que o problema

dos judeus nunca se lhe tinha posto nem a ela nem ao irmão. Sentia-se quente, confortável. Seu coração enchia o quarto. Como ela gostava daquele riso de Paulo! Como a linha do seu queixo se tornava feroz! Ah! como era bom arreliá-lo assim.

No dia seguinte, Paulo sentiu-se ridículo. Reconhecia que a sua algazarra ultrapassava as marcas. Esquecido de que supusera que o americano pretendia Ágata, dizia para si mesmo: «Isabel é livre. Pode casar-se com quem lhe der na real gana, tanto se me dá»! Perguntava-se a si próprio quais as razões do seu furor.

Entupiu; a pouco e pouco se foi deixando convencer de que precisava conhecer Micael.

Micael era o perfeito contraste do quarto. Tão nítido, tão evidente era esse contraste, que nenhum dos pequenos se lembrou de lho mostrar. Mostravam-lho por fora.

Com um só golpe de vista, ei-lo localizado

OS MENINOS DIABÓLICOS

na terra: era evidente que na terra é que ele tinha todos os seus bens e que só os seus automóveis de corrida lhe davam às vezes uma certa vertigem.

Este galã de filme ia acabar por se impor a Paulo. Paulo cedeu. E o grupo pôs-se a sulcar as estradas a toda a hora, excepto àquelas em que os quatro cúmplices se fechavam no quarto, momento em que Micael se deixava dormir ingenuamente.

Micael não deixava por isso de estar presente às sessões nocturnas. Sonhavam-no, exaltavam-no, fabricavam-no dos pés à cabeça.

Quando, depois, o voltavam a encontrar, ele não suspeitava sequer beneficiar duma magia semelhante à que exercia Titânia sobre as personagens adormecidas do *Midsummer Night's Dream* (1).

(1) *Sonho de uma Noite de Verão*, comédia de Shakespeare.

— Porque não hei-de eu casar com o Micael?

— Porque não casa a Isabel com o Micael?

O futuro dos dois quartos realizava-se. Uma espantosa velocidade impelia-os para o absurdo, estimulando projectos de quartos, como se fossem os projectos de futuro que as duas gémeas, ligadas por uma membrana, confidenciavam, pretensiosamente, aos jornalistas.

Só Gerardo se mantém silencioso. Vira a cara para o lado. Nunca teria ousado sonhar com a mão da pitonisa, da virgem sagrada. Seria preciso aparecer um jovem automobilista, como nos filmes, que a raptasse, que a tal se atrevesse, ignorante das proibições promulgadas pelo lugar sagrado.

E o quarto continuava, e o casamento preparava-se, e o equilíbrio mantinha-se intacto, um equilíbrio semelhante ao de uma

OS MENINOS DIABÓLICOS

pilha de cadeiras no alto da qual se baloiça um *clown*, entre a plateia e o palco, até nos pôr um nó na garganta.

Agonia vertiginosa, que substituíra a agonia um tanto insípida dos confeitos. Aqueles meninos diabólicos iam-se atulhando de desordem, de uma miscelânea de sensações viscosas.

Micael encarava as coisas por outro lado. Causar-lhe-iam não pequena surpresa se lhe viessem anunciar o seu casamento com a virgem do templo. Quem ele amava era uma rapariga encantadora, e com ela casaria. A ela oferecia, rindo, o seu palacete da Étoile, os seus automóveis, a sua fortuna.

Isabel mobilou o seu quarto em estilo Luís XVI. Dispensaria a Micael os salões, as salas de música, de ginástica, a piscina e a ampla galeria, bem pitoresca, espécie de gabinete de trabalho, de casa de jantar, de sala de bilhar, ou de esgrima, toda envidraçada,

sobranceira ao arvoredo. Ágata acompanhá-la-ia. Isabel instalou-a nuns aposentos por cima dos seus.

Ágata previa o desastre de um corte com o quarto. Chorava às escondidas o seu poder mágico e a intimidade perdida de Paulo. Que havia de fazer das noites? O milagre brotava do contacto interrompido entre os dois irmãos. Este corte, este fim do mundo, este naufrágio não affectavam Paulo nem Isabel. Não pesavam as consequências directas ou indirectas do seu acto; isso era-lhes tão indiferente como a uma obra-prima de teatro a marcha da intriga e a aproximação do desfecho.

Gerardo sacrificava-se. Ágata submetia-se à vontade de Paulo.

Paulo dizia:

— É comodíssimo. Durante as viagens do tio, o Gerardo virá ficar no quarto da Ágata (já lhe não chamavam *quarto da mamã*) e

quando o Micael não estiver as raparigas pegam-se em nossa casa.

Este termo raparigas exprimia bem que Paulo não concebia o casamento como uma realidade, que entrevia o futuro brumoso.

Micael quis convencer Paulo a ir viver para o palacete da Étoile. Paulo recusou, fiel ao seu plano de solidão. Então Micael e Marieta combinaram custear os mínimos gastos da rua Montmartre.

Depois de uma cerimónia rápida, em que serviram de testemunhas os homens que geriam a fortuna incalculável do noivo, Micael, enquanto Isabel e Ágata se instalavam, decidia passar uma semana em Eze, onde era aguardado pelo architecto de um seu prédio em construção. Iria no carro de corridas. A vida de casados começaria depois.

Mas o génio do quarto velava.

Haverá necessidade de dizê-lo? Na estrada, entre Cannes e Nice, Micael morreu.

O seu carro era baixo. A longa *écharpe* que levava ao pescoço enrolou-se num eixo. Estrangulou-o, decapitou-o furiosamente, ao mesmo tempo que o carro derrapava, se triturava, se empinava de encontro a uma árvore, onde, daí a pouco, era uma ruína de silêncio, com uma roda só a girar, a girar, cada vez mais lentamente, como uma tómbola.

A herança, as assinaturas, as conferências com os administradores, o luto e as fadigas esmagavam a jovem viúva que do casamento só conhecia as formalidades legais. O tio e o médico, se já não precisavam de a socorrer com o seu dinheiro, viam-se obrigados a socorrê-la pessoalmente. Nem por isso ela lhes ficou mais grata. Isabel descarregava sobre eles todas as maçadas.

De combinação com os administradores, classificavam, contavam, realizavam somas puramente algébricas que esmagavam a imaginação.

Falámos numa aptidão para a fortuna graças à qual nada podia aumentar a riqueza

nativa de Paulo e Isabel. A herança provou-o bem. O abalo provocado pelo drama tocou-os mais do que ela. Amavam Micael. A surpreendente aventura das núpcias e da sua morte projectou-o, ser nada secreto, na zona secreta. A *écharpe* viva, ao estrangulá-lo, abriu-lhe a porta do quarto. Sem isso nunca ele lá poderia ter entrado.

Na rua Montmartre, a realização do projecto de solidão acarinhado por Paulo na época em que ele e a irmã se arrancavam mutuamente os cabelos, tornou-se impraticável por causa da partida de Ágata. Tal projecto explicava-se no tempo da sua gulodice egoísta; agora, que a idade lhe espicaçava os desejos, tornara-se completamente inexplicável.

Ainda que os seus desejos fossem informes, Paulo acabou por perceber que a solidão apetecida, em vez de o consolar, lhe cavava

OS MENINOS DIABÓLICOS

na existência um vazio atroz. Aproveitou aquele marasmo para acabar por ir viver com a irmã.

Isabel deu-lhe o quarto de Micael, separado do dela por uma imensa casa de banho. Os criados, três mulatos e um cozinheiro preto, quiseram voltar para a América. Marieta arranjou uma patricia. O *chauffeur* ficou.

Assim que Paulo se instalou, o dormitório foi reformado.

Ágata tinha medo lá em cima, sòzinha... Paulo não se sentia bem numa cama de dossel... O tio de Gerardo andava de visita a umas fábricas na Alemanha... Não tardou que Ágata dormisse na cama de Isabel. Paulo sobraçava a roupa da cama e anichava-se no divã: Gerardo fazia uma pilha de xales.

Era neste quarto abstracto, susceptível de ser recriado em qualquer parte, que Micael habitava depois da catástrofe. A virgem sa-

grada! Gerardo tinha razão. Nem ele, nem Micael, nem ninguém no mundo possuiria Isabel. O amor revelava-lhe este círculo incompreensível que a isolava do amor. Quem o violasse, morreria. Mesmo que Micael tivesse chegado a possuir a virgem, nunca teria possuído o templo onde só pudera vir habitar por ter morrido.

DEVEM estar lembrados de que o palacete tinha uma galeria, misto de sala de bilhar, de gabinete de trabalho, de casa de jantar. Esta galeria era heteróclita, já pelo simples facto de não ser verdadeiramente uma galeria, já por não servir para nada. O oleado era atravessado à direita por uma ponta de passadeira da escada que ia até à parede. Quando se entrava, à esquerda, via-se uma mesa de sala de jantar debaixo de uma espécie de candeeiro de suspensão, algumas cadeiras, e uns biombos de madeira, desses que tomam todas as formas. Tais biombos separavam aquele esboço de sala de jantar de um esboço de gabinete de trabalho (canapé,

poltronas de coiro, estante giratória, planisfério terrestre, postos, ao acaso, em torno de uma outra mesa, espécie de mesa de architecto, sobre a qual havia uma lâmpada com um reflector, único foco luminoso de toda a galeria).

Após largos espaços vazios, onde surgiam apenas algumas cadeiras de baloiço, havia um bilhar surpreendente à força de solidão. De onde em onde, as grandes vidraças projectavam no tecto sentinelas de luz; uma iluminação de cima para baixo vinha do exterior, mergulhava tudo numa espécie de luar teatral.

Tudo era possível ali: nada mais natural do que ver surgir uma lanterna de furta-fogo, uma janela abrir-se, saltar um gatuno surdamente.

Aquele silêncio, aquela ribalta, lembravam a neve, o salão da rua Montmartre, outrora suspenso no ar, e, até mesmo, o as-

OS MENINOS DIABÓLICOS

pecto geral do bairro Monthiers, antes da batalha, reduzido pela neve às proporções de uma galeria. Era bem a mesma solidão, a mesma expectativa e as mesmas pálidas fachadas simuladas pelas vidraças.

Aquela dependência lembrava um desses extraordinários erros de cálculo em que um arquitecto se apercebe demasiado tarde de se ter esquecido da cozinha ou da escada.

Micael mandara reconstruir a casa, mas não pudera solucionar o problema daquele beco sem saída, de que se não podia fugir na construção. Mas, num homem como Micael, um erro de cálculo era a aparição da vida: o momento em que a máquina se humaniza e cede. Aquele ponto morto de uma casa pouco viva era o local onde a todo o custo se tinha refugiado a vida. Encurralada por um estilo implacável, por uma matilha de betão e de ferro, escondera-se naquele recanto imenso com o aspecto de princesa destronada que

foge levando consigo o que pode apanhar à mão.

Admirava-se o palacete; dizia-se: «Nada de excessos. Só o indispensável. Para um milionário isto já é qualquer coisa». Ora qualquer entusiasta de uma cidade como Nova York que tivesse desdenhado aquele compartimento mal poderia imaginar (era o caso de Micael) o quanto ele era americano.

Mil vezes melhor do que o fariam o ferro e o mármore, ele contava-nos a história da cidade das seitas ocultas, dos teósofos, da Christian Science, do Ku-Klux-Klan, dos testamentos com cláusulas misteriosas para a herdeira, dos clubes fúnebres, das mesas giratórias, dos sonâmbulos de Edgar Poë.

Este locutório de casa de doidos, este fundo ideal para defuntos que se materializam e anunciam a sua própria morte a distância, evocava, por outro lado, o gosto judaico das catedrais, das naves, das plataformas no

OS MENINOS DIABÓLICOS

quadragésimo andar, onde há damas que habitam em capelas góticas, tocando órgão e queimando círios. Nova York consome mais círios que Lourdes, que cidade santa alguma do mundo inteiro.

Galeria feita para a infância ansiosa quando teme atravessar certos corredores, quando acorda, quando escuta os móveis que estalam e os botões das portas que giram.

E aquela monstruosa casa de arrumações era a fraqueza de Micael, o seu sorriso, o melhor da sua alma. Denunciava nele a existência do que quer que fosse anterior ao seu encontro com os meninos e isso o tornava digno deles. Demonstrava a injustiça da sua exclusão do quarto, a fatalidade do seu casamento, a sua tragédia. Um grande mistério se tornava límpido: não fora nem pela sua fortuna, nem pela sua força, nem pelo seu encanto, nem pela sua elegância que Isabel o desposara. Desposara-o pela sua morte.

Normal era também que as crianças se tivessem posto a procurar, no palacete, o quarto por toda a parte menos naquela galeria. Erravam entre os dois quartos como almas penadas. As noites em claro já não eram aquele espectro fugaz que foge ao cantar do galo, mas um espectro inquieto que paira. De posse, finalmente, cada um do seu quarto, que não queriam largar, fechavam-se enfurecidamente ou arrastavam-se de quarto para quarto, com andar hostil, os lábios comprimidos, os olhares como facas.

A galeria não tinha deixado de os provocar. O seu apelo intimidava-os, impedia-os de penetrar nele.

Tinham reparado numa das suas virtudes singulares; não, por certo, a menos singular: a galeria derivava em todos os sentidos, como um navio fundeado com uma única âncora.

Estando em qualquer das outras dependências da casa era-lhes impossível localizar

OS MENINOS DIABÓLICOS

aquela; se nela penetravam, sentiam-se incapazes de dizer qual a sua situação em relação às outras. Só os ruídos da cozinha os não deixavam perder de todo a orientação.

Estes ruídos e esta magia lembravam a infância sonolenta, ao cabo de uma viagem de funicular, os hotéis suíços em que as janelas se abrem a pique sobre o mundo, com os glaciares defronte, tão perto, tão perto, do outro lado da rua, como se fossem prédios de diamante.

Tinha chegado a vez de Micael os levar onde era preciso, de pegar na varinha-de-condão, de lhes traçar os limites e de lhes apontar o local.

Uma noite em que o irmão amuara e Isabel o queria deixar dormir, Paulo atirou com as portas, safou-se e foi refugiar-se na galeria.

A observação não era o seu forte. Mas era

sensível aos eflúvios, registava-os e breve os orquestrava para seu próprio uso.

Mal se viu naquele encadeamento de panos de sombra e de luz, alternados, mal penetrou entre os cenários daquele estúdio deserto, fez-se como um gato cauteloso a que nada escapa. Seus olhos cintilavam. Parava, contornava, cheirava, incapaz, é certo, de equiparar um quarto ao bairro Monthiers, um silêncio nocturno à neve, mas pressentindo naquilo tudo o já visto duma vida anterior.

Inspeccionou o gabinete de trabalho, ergueu-se, estendeu e desenrolou os biombos de forma a isolar uma poltrona, deitou-se nela, com os pés para cima de uma cadeira; depois, de alma pura, experimentou *partir*. Mas era o cenário que partia, abandonando a sua personagem.

Paulo sofria de orgulho. A sua desforra contra o duplo de Dargelos redundava num fracasso lamentável. Ágata dominava-o. E

OS MENINOS DIABÓLICOS

em vez de compreender que a amava, que ela o dominava pela doçura, que o que importava era deixar-se vencer, Paulo eriçava-se, empinava-se, lutava contra o que ele julgava ser o seu demónio, uma fatalidade diabólica.

Para vaziar uma borracha noutra por um tubo de cauchu basta uma ligeira pressão.

No dia seguinte Paulo organizou, construiu uma cabana como nas *Férias* de Madame de Ségur. Os biombos faziam de porta. Aquele recinto aberto ao alto, integrado na existência sobrenatural daquele lugar, povoou-se de desordem. Paulo encheu-o com o busto de gesso, o tesouro, os livros, as caixas vazias. Um grande espelho fitava aquelas perspectivas. Uma cama de campanha substituíra a poltrona. O tule abafava o reflector.

Isabel, Ágata e Gerardo começaram por fazer-lhe visitas, mas, incapazes de viverem

afastados daquela excitante paisagem de móveis, acabaram por emigrar, no encalço de Paulo.

Reviviam. Armaram tendas. Aproveitaram-se dos charcos de luar e de sombra.

Ao fim de uma semana, garrafas-termos substituíam o café Charles e os biombos tinham acabado por constituir um só quarto, uma ilha deserta cercada de oleado.

Desde o mal-estar dos dois quartos, julgando-se demais e atribuindo o mau humor de Paulo (mau humor sem nenhuma espécie de graça) à atmosfera perdida, Ágata e Gerardo começaram a sair juntos. A sua amizade profunda era semelhante à dos doentes que sofrem de um mesmo mal. Assim como Gerardo a Isabel, Ágata situava Paulo muito mais alto do que a terra. Ambos amavam, sem um lamento, e nenhum deles teria sido capaz de confessar o seu amor. Por terra, a cabeça

erguida, adoravam os seus ídolos. Ágata, o jovem de neve; Gerardo, a virgem de ferro.

Nem um nem outro teria pensado poder obter jamais senão benevolência em troca do seu fervor. Achavam adorável que os tolerassem, tremiam, receosos, de perturbar o sonho fraternal, e afastavam-se, por delicadeza, quando se julgavam a mais.

Isabel esquecia-se de que tinha automóveis. O *chauffeur* lembrou-lho. Certa tarde em que ela saíra com Gerardo e Ágata, Paulo, que ficara só, encarcerado na sua atitude, descobriu que amava.

Como ele estivesse a olhar até à vertigem o falso retrato de Ágata, aquela descoberta petrificou-o. Estoiraram-lhe os olhos. Assemelhava-se a uma dessas pessoas que distinguem as letras de um monograma sem poderem já ver as linhas insignificantes que de princípio essas letras pareciam entrelaçar.

Os biombos, como um camarim de actor,

estavam cheios dos magazines esfrangalhados da rua Montmartre. Como nos pântanos chineses, onde a flor dos lótus abre de madrugada com um sussuro imenso de beijos, assim se puseram, de súbito, a desabrochar as caras dos assassinos e das atrizes dos magazines. O tipo de Paulo surgia como multiplicado por um palácio de espelhos. Começava com Dargelos, afirmava-se através das mais insignificantes raparigas escolhidas na sombra, conciliava as cabeças esparsas pelo frágil tabique, purificava-se em Ágata. Que de preparativos, de esboços, de retoques, antes do amor! Ele, que se julgava vítima de uma coincidência entre a jovem e o estudante, compreendeu como o destino visita as suas armas, a lentidão com que aponta procurando o coração.

E o certo é que o gosto secreto de Paulo, a sua preferência por um tipo especial, não desempenharam em tudo isto papel algum, pois o destino escolheu Ágata, entre milhares

OS MENINOS DIABÓLICOS

de raparigas, para companheira de Isabel. Seria, pois, preciso ir até ao suicídio pelo gás de iluminação para procurar os responsáveis.

Paulo sentiu-se maravilhado com tal descoberta e a sua surpresa teria sido ilimitada se não fosse aquela brusca clarividência ter-se-lhe circunscrito ao amor. Então ele teria podido notar como o destino nos trabalha lentamente, à maneira de um bilro de rendilhadeira, crivando-nos de alfinetes, segurando-nos entre os joelhos como se fôssemos almoçadas.

Daquele quarto tão pouco preparado para se organizar, para se estabilizar, Paulo sonhava com o amor em que Ágata não entrava de princípio sob aparência terrestre. Exaltava-se sozinho. Bruscamente, viu no espelho a própria cara parada e teve vergonha da máscara franzida que aquela tolice lhe causara. Quisera pagar o mal com o mal. Ora o seu mal transformava-se em bem. Daria o bem

pelo bem, quanto mais depressa melhor. Seria capaz disso? Amava: o que não queria dizer que esse amor fosse recíproco ou que algum dia o pudesse vir a ser.

Julgando-se incapaz de inspirar respeito, o respeito que Ágata lhe votava exhibia-se-lhe como aversão. O sofrimento que esta ideia lhe inspirava não tinha a mais pequena relação com o soturno sofrimento que ele atribuía ao orgulho. E invadia-o, inquietava-o, exigia-lhe uma resposta. Não tinha nada de imóvel: era preciso agir, verificar o que convinha fazer. Nunca seria capaz de falar. Demais, falar como? Os ritos da religião comum, os cismas, tornavam muito difícil qualquer intriga e o seu género de vida confusa admitia tão pouco certas coisas especiais ditas em certas datas, que se arriscava a falar sem que as palavras fossem tomadas a sério.

Resolveu escrever. Uma pedra caíra e enrugara a superfície serena; uma segunda

pedra provocaria outras consequências incalculáveis ainda, mas que a seu tempo resolveria. Esta carta (um «pneumático») seria lançada à noite. Onde quer que caísse, no meio do grupo, ou nas mãos dela, seguiria o seu destino.

Paulo dissimularia a sua perturbação, fingir-se-ia amuado até ao dia seguinte, aproveitando a ocasião para escrever e para ocultar a cara afogueada.

Esta tática irritou Isabel e desmoralizou a pobre Ágata. Ágata supôs que Paulo se tivesse zangado com ela e a evitasse. No dia seguinte disse que estava doente, deitou-se e jantou no quarto.

Depois de um jantar lúgubre sòzinha com Gerardo, Isabel expediu-o para junto de Paulo, pedindo-lhe que tentasse vê-lo, que o apertasse, que procurasse saber o que lhe censurava ele, enquanto ela iria tratar da constipação de Ágata.

Ágata, lavada em lágrimas, estatelara-se na cama, a cabeça enterrada na almofada. Isabel estava pálida. O mal-estar da casa despertava certas camadas adormecidas da sua alma.

Farejava um mistério e perguntava a si mesma que mistério seria esse. A sua curiosidade transbordava. Animou a infeliz, embalou-a, confessou-a.

— Amo-o, adoro-o, e ele despreza-me, soluçava Ágata.

Era então amor. Isabel sorriu.

— Ora aqui está uma maluquinha, exclamou ela, supondo que Ágata falava de Gerardo: gostaria bem de saber com que direito ele te despreza. Foi ele quem to disse? Não! Então? Chama-se a isto ter sorte, aquele imbecil! Se gostas dele, é preciso que ele case contigo, é preciso casar com ele.

Ágata desfazia-se em lágrimas, tranquilizada, anestesiada pela simplicidade daquela

OS MENINOS DIABÓLICOS

irmã, pelo inconcebível desfecho que Isabel lhe oferecia, em vez de a troçar.

— Lisa..., murmurou Ágata, a cabeça apoiada ao ombro da jovem viúva, Lisa, como tu és boa, como tu és boa... Mas ele não gosta de mim.

— Estás certa disso?

— É impossível...

— Bem sabes, o Gerardo é um rapaz tímido...

E continuava embalando, afagando, o ombro inundado, quando Ágata se endireitou:

— Mas... Lisa... não se trata de Gerardo. É o Paulo!

Isabel ergueu-se. Ágata gaguejou:

— Perdoa... perdoa-me...

Isabel, os olhos fixos, as mãos pendentes, sentia-se afundar, de pé, como no quarto da enferma ou como quando vira outrora surgir no lugar da mãe a morta que ela se tornara. Olhava Ágata e no lugar daquela pobre rapa-

riga lavada em lágrimas via uma tenebrosa Athalie, uma ladra que se introduzira em sua casa.

Queria saber; dominou-se. Veio sentar-se ao pé da cama.

— Paulo! É extraordinário! Nunca me tinha passado pela cabeça...

Fazia a voz amável.

— Chama-se a isto uma surpresa! Que coisa mais pândega! É único! Conta, conta depressa.

E de novo a enlaçava, lhe provocava confidências, encaminhava arditamente para a luz o rebanho de sentimentos obscuros.

Ágata secava as lágrimas, assoava-se, deixava-se embalar, deixava-se convencer. Esvaziava o coração e confienciava o que não teria ousado dizer a si própria. Isabel ia vendo pintar aquele humilde amor, aquele sublime amor, e a rapariga que chorava apoiada ao ombro da irmã de Paulo teria fi-

OS MENINOS DIABÓLICOS

cado estupefacta se visse, por cima da mão maquinal que lhe afagava os cabelos, uma cara de juiz implacável.

Isabel afastou-se da cama. Sofria:

— Ouve, disse ela, descansa, serena. É muito simples, eu vou falar com o Paulo.

Ágata ergueu-se, aterrorizada:

— Não, não, é preciso que ele não suspeite de nada. Suplico-te! Lisa, não lhe contes nada...

— Deixa, querida. Gostas de Paulo. Se Paulo gosta de ti, está tudo arranjado. Não te denunciarei, descansa. Interrogá-lo-ei como quem não sabe de nada. Tem confiança em mim; não saias do teu quarto.

Isabel desceu a escada. Vestia um roupão preso à cinta por uma gravata. O roupão metia-se-lhe nos pés e embaraçava-a. Mas Isabel descia maquinalmente, possuída por um mecanismo de que só ouvia o trabalhar. Este mecanismo manobrava-a, evitava que a

orla do roupão se lhe metesse nas sandálias, obrigando-a a seguir para a direita ou para a esquerda, a abrir e fechar portas. Sentia-se um autómato a que tivessem dado corda para fazer um certo número de actos que era preciso realizar sob pena de se partir no caminho. O coração parecia um machado a bater, a bater, os ouvidos zumbiam-lhe, não sabia que ia fazer. Em sonhos ouvem-se destes passos arrastados que se aproximam e pensam, que nos dão um andar mais leve que o voo, que combinam o peso das estátuas e a ligeireza dos mergulhadores debaixo de água.

Isabel, pesada, ligeira, alada, como se o seu roupão lhe houvesse cercado os tornozelos daquela efervescência que denuncia, nos «primitivos», as personagens sobrenaturais, caminhava ao longo dos corredores, de cabeça vazia. Naquela cabeça só havia vagos sussurros e naquele peito as machadadas regulares dos lenhadores.

OS MENINOS DIABÓLICOS

Desde então, Isabel nunca mais poderia deter-se.

O génio do quarto entrava nela, substituíam-se-lhe, tomavam-lhe o lugar, como um génio que se apodera de um homem de negócios a quem dita as ordens que lhe evitarão a falência, como um génio que se apodera de um marinheiro a quem dita os gestos que lhe salvarão o navio, como um génio que se apodera de um criminoso a quem dita as palavras que lhe atenuarão a pena.

A sua caminhada conduzia-a de frente da escadinha que levava à sala deserta. Gerardo abria a porta.

— Ia saber de ti, disse ele. Paulo está estranho. Queria que eu te procurasse. Como está a doente?

— Está com uma enxaqueca. Quer que a deixem dormir.

— Ia ao quarto dela...

— Não subas. Ela está a descansar. Vai

para o meu quarto. Espera-me no meu quarto enquanto eu vou ver o Paulo.

Confiada na obediência passiva de Gerardo, Isabel entrou. A antiga Isabel quis despertar, contemplar os jogos irreais da falsa lua, da falsa neve, o oleado faiscante, os móveis perdidos que nele se reflectiam e, no centro, a cidade chinesa, o recinto sagrado, as altas muralhas flexíveis que resguardavam o quarto.

Contornou-as, abriu uma das folhas do biombo, e viu Paulo assentado no chão, o busto e a nuca apoiados aos cobertores da cama; chorava. As suas lágrimas nada tinham já das que ele chorara sobre a amizade perdida, em nada se assemelhavam às de Ágata. Formavam-se-lhe entres os cílios, engrossavam, transbordavam e, lentamente, corriam até à boca entreaberta, onde se detinham e de onde voltavam a sair como se fossem outras lágrimas.

OS MENINOS DIABÓLICOS

Paulo esperava que o seu «pneumático» tivesse consequências violentas. Ágata não podia ter deixado de o receber. Aquela tentativa nula, aquela espera matavam-no. As promessas que a si mesmo fizera de prudência, de silêncio, abandonaram-no. Queria saber, custasse o que custasse. A incerteza tornava-se-lhe intolerável. Isabel vinha do quarto de Ágata; Paulo interrogou-a.

— Que «pneumático»?

Isabel, no seu estado natural, teria sem dúvida provocado uma disputa, e as injúrias tê-la-iam em breve distraído, advertindo Paulo de que seria bom calar-se, replicar, gritar mais alto. Mas, perante um tribunal, e um tribunal carinhoso, Paulo confessou. Confessou a sua descoberta, a sua inabilidade, o seu «pneumático», e implorou à irmã que lhe dissesse se Ágata o repelia.

Estes golpes seguidos só provocavam no autómato descargas que lhe faziam variar a

direcção. Isabel alarmou-se com aquele «pneumático». Tê-lo-ia Ágata recebido? Teria escarnecido dela? Ter-se-ia esquecido de abrir o «pneumático», ou, reconhecendo-lhe a letra, iria abri-lo agora? Iria ela entrar por ali dentro?

— Um instante, disse ela, meu amor. Espera, tenho coisas muito sérias a dizer-te. A Ágata não me falou no teu «pneumático». Um «pneumático» não voa. É preciso encontrá-lo. Vou ver; volto já.

Desapareceu, e, ao lembrar-se dos lamentos de Ágata, ocorreu-lhe que talvez o «pneumático» estivesse no vestibulo. Ninguém tinha saído. Gerardo nunca olhava para as cartas. Se o tivessem deixado cá em baixo, era possível que ainda lá estivesse.

De facto, lá estava. O sobrescrito amarelado, amarrotado, encarquilhado, parecia uma folha murcha posta dentro de uma bandeja.

Acendeu a luz. Era a letra de Paulo, a

sua caligrafia desajeitada de mau estudante; mas o sobrescrito tinha a própria direcção de Paulo. Paulo escrevia a Paulo! Isabel rasgou o sobrescrito.

Naquela casa não se sabia o que era papel de carta: escrevia-se fosse onde fosse. Desdobrou uma folha de papel quadriculado, um papel de carta anónima.

Ágata, não te zangues, amo-te. Tenho sido um idiota. Julgava que me querias mal. Descobri que te amo e que se tu me não amas morrerei. Peço-te de joelhos que me respondas. Sofro. Não sairei da galeria.

Isabel deitou a língua de fora, encolheu os ombros. Porque a direcção era a mesma. Paulo, perturbado, apressado, tinha escrito o seu próprio nome no sobrescrito. Eram bem os seus métodos. Nada o modificaria.

Admitindo que o «pneumático», em vez

de vegetar no vestíbulo, tivesse voltado, como um arco, às mãos de Paulo, Paulo, desalentado, tê-lo-ia rasgado e perdido a esperança. Ela o salvaria das conseqüências funestas da sua distracção.

Isabel entrou no gabinete de *toilette* do vestiário, rasgou o «pneumático» e deitou fora os vestígios.

Ao regressar junto do infeliz contou-lhe que fora ao quarto de Ágata, que Ágata dormia e o «pneumático» jazia abandonado em cima da cómoda: um sobrescrito amarelo de onde espreitava uma folha de papel de cozinha. Reconhecera-o por causa de um pacote de sobrescritos iguais que vira em cima da mesa de Paulo.

— E ela não te disse nada?

— Não. É bom mesmo que ela não saiba que eu o vi. Sobretudo é preciso não lhe perguntar nada. Responderia que não sabe de que se trata.

Paulo não tinha previsto quais as possíveis consequências da carta. O desejo inclinava-o para perspectivas de triunfo. Não lhe tinha passado pela cabeça aquele abismo, aquele precipício. As lágrimas corriam-lhe ao longo da face hirta. Isabel consolava-o, e descrevia-lhe a cena em que Ágata lhe confessara o amor que tinha por Gerardo, o amor de Gerardo, os seus projectos de casamento.

— É estranho, insistia ela, que Gerardo nada te tenha dito. Eu intimido-o, hipnotizo-o. Tu, é outra coisa. Teve medo que fizesses pouco deles.

Paulo calava-se, bebia a amargura daquela inconcebível revelação. Isabel ia desenvolvendo a sua tese. Que doido, aquele Paulo! Ágata era uma pobre pequena simples e Gerardo um belo rapaz. Tinham nascido um para o outro. O tio de Gerardo estava velho. Gerardo viria a ser rico, livre, casaria com Ágata e viveria burguêsmente. Oferecia-se-

-lhe uma felicidade sem obstáculos. Seria atroz, criminoso, sim, criminoso, atravessar-se no seu caminho, provocar um drama, perturbar Ágata, desesperar Gerardo, envenenar o futuro deles. Paulo não tinha esse direito. Tudo aquilo não passava de um capricho. Devia reflectir, compreenderia que um capricho não se pode opor a um amor correspondido.

Durante uma hora Isabel falou, falou, defendeu a justa causa. Exaltava-se, deixava-se possuir pelo seu papel de defensora. Soluçava. Paulo baixava a cabeça, consentia, abandonava-se nas suas mãos. Prometeu calar-se e mostrar boa cara aos noivos quando eles lhe comunicassem a notícia. O silêncio de Ágata acerca do «pneumático» demonstrava bem a sua resolução de esquecer, de aceitar a carta como um capricho, de lhe não ficar a querer mal. Mas depois daquela carta podia subsistir qualquer mal-entendido desa-

gradável para Gerardo. A boda evitaria isso, distraí-los-ia, e uma viagem de núpcias faria desaparecer o mal-entendido definitivamente.

Isabel enxugou as lágrimas de Paulo, beijou-o, animou-o e saiu do recinto. Era preciso continuar a sua obra. O instinto dizia-lhe que os assassinos se não detêm, não podem tomar fôlego. Como uma aranha nocturna, ei-la a prosseguir na sua tarefa, arrastando o seu fio, estrelando a sua rede em todos os cantos da noite, pesada, leve, infatigável.

Encontrou Gerardo no quarto dela. Estava impaciente.

— Então? exclamou ele.

Isabel foi agressiva.

— Quando perderás tu esse mau costume de gritar? Não sabes falar sem berrar. E então, Paulo está doente. É estúpido de mais para dar por isso sòzinho. Basta olhar-lhe para os olhos, para a língua. Está com

febre. O médico dirá se é uma gripe, se uma recaída. Eu intimo-o a ficar na cama e a não te ligar. Dormirás no quarto dele...

— Não, raspo-me.

— Quero falar-te.

A voz de Isabel tinha um acento grave. Obrigou-o a sentar-se, pôs-se a andar de um lado para o outro e perguntou-lhe o que pensava ele fazer quanto a Ágata.

— Fazer porquê? perguntou ele.

— Como porquê? E numa voz seca, imperiosa, perguntou-lhe se queria fazer pouco dela, se não sabia que Ágata gostava dele e esperava que ele a pedisse em casamento. Que ela não compreendia aquele silêncio.

Gerardo abria olhos estúpidos. Os braços caíam-lhe.

— Ágata... balbuciou ele... Ágata...

— Sim, Ágata! vociferou Isabel com arrebatamento.

Que cego ele era, afinal. Os seus pas-

seios com Ágata deviam-no ter elucidado. E pouco a pouco Isabel ia transformando a confiança da rapariga em amor, apontava datas, apresentava provas, abalava Gerardo com uma multidão de provas. Acrescentou que Ágata sofria, imaginava que ele gostava dela, dela, Isabel, o que seria cómico e impossível por causa da sua fortuna.

Gerardo desejou enterrar-se pelo chão abaixo. A vulgaridade daquela censura estava tão fora do estilo de Isabel, que nada percebia de problemas pecuniários, que a perturbação dele foi atroz. Isabel aproveitou aquela perturbação para acabar de o esmagar, e, vibrando-lhe dois golpes na cabeça, intimou-o a não mais a olhar com olhos lânguidos, a desposar Ágata e a não pronunciar uma única palavra sobre o seu papel de medianeira. Só a cegueira de Gerardo a poderia fazer desempenhar um tal papel e por nada

deste mundo consentiria que Ágata pudesse suspeitar que a ela devia a felicidade.

— Vamos, concluiu Isabel, chama-se a isto fazer as coisas como deve ser. Deita-te. Eu vou ao quarto de Ágata dar-lhe a grande novidade. Tu ama-la. A mania das grandezas embriagava-te. Desperta. Felicito-te. Dá cá um abraço e confessa que és o homem mais feliz deste mundo.

Gerardo, apatetado, dominado, confessou o que a rapariga lhe ordenava. Isabel fechou-o e, prosseguindo na sua teia, dirigiu-se ao quarto de Ágata.

Acontece que, às vezes, num crime é uma simples rapariga a vítima que mais resiste.

Os golpes vibravam sobre Ágata, que vacilava, mas não cedia. Por fim, esmagada pela fadiga, depois de uma luta desvairada em que Isabel lhe explicou que Paulo era incapaz de amar, que a não amava, porque

OS MENINOS DIABÓLICOS

não amava ninguém, que se destruía a si próprio e que aquele monstro de egoísmo seria a perda de qualquer mulher crédula, que, demais, Gerardo era uma alma de eleito, honesto, apaixonado, capaz de lhe dar um futuro, Ágata abriu os braços que a apertavam ao seu sonho. Isabel viu-a caída fora dos lençóis, as madeixas de cabelo coladas à cara, a cabeça prostrada para trás, uma mão na ferida e a outra tombada para o chão como uma pedra.

Isabel ergueu-a, pôs-lhe pó-de-arroz, jurou-lhe que Paulo não podia suspeitar da sua confissão e que bastava Ágata anunciar-lhe alegremente o seu casamento com Gerardo para ele nunca de nada poder suspeitar.

— Obrigada... obrigada... como és boa... soluçava a infeliz.

— Não me agradeças, dorme, disse Isabel, e saiu do quarto.

Deteve-se um segundo. Sentia-se serena,

desumana, aliviada de um fardo. Ia atingir o último degrau quando o coração lhe recommçou a bater. Ouvira o que quer que fosse. E como ia a erguer um pé, viu Paulo que se aproximava.

O seu longo roupão branco iluminava a sombra. Isabel compreendeu imediatamente que ele caminhava sob a influência de uma daquelas pequenas crises de sonambulismo frequentes na rua Montmartre, quase sempre determinadas por qualquer desgosto. Isabel apoiou-se ao corrimão, com o pé no ar, sem se querer mexer, com medo de que Paulo acordasse e a interrogasse sobre Ágata. Mas ele não a via. Aquela mulher era para ele como qualquer candeeiro; Paulo fitava a escada. Isabel temia o tumulto do seu coração: o machado do lenhador, a bater a bater, devia ouvir-se.

Após uma breve paragem, Paulo arrepiou caminho. Isabel poisou o pé dormente, ou-

OS MENINOS DIABÓLICOS

viu-o afastar-se para o silêncio. Depois Isabel penetrou no seu quarto.

O quarto vizinho calava-se. Dormiria Gerardo? Isabel ficou de pé em frente do toucador. O espelho intrigava-a. Baixou os olhos e ergueu as mãos medonhas.

PORQUE o tio se sentia muito doente, o noivado e a boda precipitaram-se no meio de um bom humor factício, em que cada um desempenhava o seu papel e procurava ser mais generoso que ninguém. Um silêncio mortal pesava sobre as cerimónias íntimas, em que Paulo, Gerardo e Ágata, joviais, acabrunhavam Isabel. Por mais que ela pensasse que a sua industriosa intriga os salvava de um sinistro, que graças a ela Ágata não seria vítima da desordem de Paulo nem Paulo da inferioridade de Ágata; por mais que se repetisse a si mesma: Gerardo e Ágata são do mesmo estofo, procuravam-se um ao outro, dentro de um ano terão um filho,

abençoarão o destino; por mais que procurasse esquecer as suas andanças na noite cruel, como quem acorda de um sono patológico; por mais que tudo lhe parecesse obra de uma circunspecção providencial, nem por isso se deixava de sentir menos perturbada perante aqueles infelizes, nem por isso deixava de recear vê-los todos juntos.

Tinha confiança em cada um em particular. A delicadeza deles garantia-a contra qualquer possível confronto de factos que pudessem vir a ser mal interpretados ou atribuídos a uma intenção malévola. Que malvadez? Malvadez, por que razão? Isabel tranquilizava-se ao interrogar-se a si própria sem resposta. Adorava aqueles pobres pequenos. Fizera deles suas vítimas por muito lhes querer, por paixão. Pairava sobre eles, ajudava-os, arrancava-os, sem eles darem por isso, de um precipício que o futuro lhes revelaria.

OS MENINOS DIABÓLICOS

Aquela árdua tarefa tinha-lhe saído cara ao coração. Era preciso. Era preciso.

— Era preciso! — repisava Isabel, como se se tratasse de uma delicada intervenção cirúrgica. O seu punhal convertia-se num bisturi. Tinha sido preciso tomar aquella resolução durante a noite, anestésiar e operar. Congratulava-se pelos resultados. Mas uma gargalhada de Ágata arrancava-a do sonho, voltava à mesa, ouvia aquele riso falso, via o mau aspecto de Paulo, o esgare amável de Gerardo e recaía nas suas dúvidas, lutava com os seus pavores, com os pormenores implacáveis, com os fantasmas da famosa noite.

A viagem de núpcias deixou irmão e irmã frente a frente. Paulo definhava. Isabel compartilhava do recinto, velava-o dia e noite. O médico não compreendia aquella recaída de uma doença cujos sintomas lhe eram desconhecidos. O quarto dos biombos consterna-

va-o; teria querido Paulo num quarto confortável. Paulo opôs-se. Vivia embrulhado em roupas informes. A gaze quebrava a luz sobre uma Isabel sentada com a cara nas mãos, com olhos fixos, devastada por uma soturna solicitude. O tecido vermelho dava cor à cara do doente, iludia Isabel, como o reflexo das bombas iludira Gerardo, tranquilizava aquela natureza que já não sabia viver senão de mentiras.

A morte do tio fez regressar Gerardo e Ágata. Instalaram-se na rua Laffitte, apesar da insistência de Isabel em lhes ceder um andar. Isabel pressentia que o casal se harmonizava, gozava de uma felicidade medíocre (a única de que era digno) e temia agora a atmosfera indisciplinada do palacete. Paulo receava que eles aceitassem. Respirou, quando Isabel lhe comunicou a sua decisão:

— Acham que o nosso *gênero* lhes pode

estragar a vida. Gerardo não me mandou Ágata dar a resposta. Tem medo que o nosso exemplo lhe seja prejudicial. Juro-te que não estou a inventar. O Gerardo fez-se uma espécie de tio. Ouvi-o, estupefacta. Perguntava-me a mim mesma se ele não estaria a representar, se se não aperceberia do seu ridículo.

De tempos a tempos, o casal almoçava ou jantava na Étoile. Paulo levantava-se, subia à sala de jantar e o constrangimento recomeçava sob o olhar de Marieta, um olhar triste de bretã que fareja desgraça.

UMA manhã, iam sentar-se à mesa.

— Adivinha quem eu encontrei?

Gerardo interpelava jovialmente Paulo, que esboçou um momo interrogativo.

— Dargelos!

— Que dizes?

— Sim, meu velho, Dargelos!

Gerardo atravessava uma rua. Dargelos ia-o atropelando. Guiava um automòvelzito. Parara; já sabia da herança, e que Gerardo dirigia as fábricas do tio. Queria visitar uma delas. Não era tipo para se desorientar.

Paulo perguntou se ele estava diferente.

— Na mesma, um pouco mais pálido... Dir-se-ia um irmão de Ágata. E deixou de

falar às pessoas de alto. Está amabilíssimo. Faz a *navette* entre a Indochina e a França. Representa uma marca de automóveis. Levou Gerardo ao quarto dele, no hotel, e perguntara-lhe se ele frequentava o «Bola de Neve»..., queria dizer: o tipo da bola de neve... era Paulo.

— E então?

— Disse-lhe que sim, que te costumava ver. Ele perguntou-me: «É ele continua a gostar de venenos?»

— De venenos?

Ágata estava sobressaltada, confusa.

— Claro, respondeu Paulo, agressivo. Os venenos são maravilhosos. Na escola sonhava ter venenos (seria mais exacto dizer: Dargelos sonhava com venenos e eu copiava Dargelos).

Ágata perguntou-lhe para que os queria.

— Para nada, replicou Paulo, para os ter, para ter venenos. É estupendo! Gostaria tanto

de ter venenos como de ter um gabilisco, uma mandrágora, como gosto de ter um revólver. É uma coisa que está ali, a gente sabe que está ali, olha-se para ela. São venenos! Estupendo!

Isabel aplaudiu. Aplaudia contra Ágata e por «espírito de quarto». Adorava os venenos. Na rua Montmartre fazia venenos fingidos, metia-os em frascos, colava-lhes etiquetas macabras, inventava nomes tenebrosos.

— Que horror! Gerardo, que doidos! Vocês vêm a acabar num tribunal.

Esta revolta burguesa de Ágata encantava Isabel, ilustrava a atitude que ela dizia ser a dos noivos, o que anulava a indelicadeza de a ter inventado. Piscou o olho a Paulo.

— Dargelos, continuou Gerardo, mostrou-me venenos da China, da Índia, das Antilhas, do México, venenos de setas, venenos de tortura, venenos de vingança, venenos de

sacrifício. Ria. «Diz ao «Bola de Neve» que eu não mudei depois de sair do «tasco». Quería coleccionar venenos e consegui-o. Olha, leva-lhe este brinquedo».

Gerardo tirou do bolso um pacotinho de papel de jornal. Paulo e a irmã estoiravam de impaciência. Ágata continuava no outro extremo da sala.

Abriram o jornal. Dentro, num destes papéis chineses que se desfazem como algodão, estava uma bola escura, da grossura de um punho. Um golpe mostrava uma úlcera brilhante, avermelhada. O resto era terroso, uma espécie de trufa, que ora espalhava um cheiro a terra fresca, ora a cebola e a essência de gerânio.

Todos se calaram. Aquela bola impunha silêncio. Fascinava e repugnava, como um ninho de serpentes em que parece haver um só réptil e onde há afinal montes de cabeças. Emanava dela um prestígio de morte.

OS MENINOS DIABÓLICOS

— É uma droga, disse Paulo. Dargelos toma drogas. Não era capaz de mandar veneno.

Estendeu a mão.

— Não toques. (Gerardo deteve-o). Seja o que for, veneno ou droga, o Dargelos manda-to com a recomendação de não lhe tocares. Demais, tu és um inconsciente; não te daria esta porcaria por nada desta vida.

Paulo zangou-se. Adoptava o tema de Isabel. Gerardo era ridículo, parecia o tio, etc....

— Inconsciente? escarnecia Isabel. Vão ver!

Pegou na bola com o jornal e pôs-se a correr atrás do irmão, em volta da mesa. Gritava:

— Come, come.

Isabel corria. Paulo pulava, tapando a cara.

— Vejam que inconsciência! Que heroísmo! troçava Isabel, resfolgante.

Paulo ripostava:

— Idiota, come tu.

— Obrigada. Morreria. Era o que tu que-
rias. Vou pôr o nosso veneno no tesouro.

— O cheiro disso empesta, disse Gerardo.
Mete-a numa caixa de lata.

Isabel embrulhou a bola, meteu-a numa
velha caixa de biscoitos e desapareceu. Quan-
do chegou ao pé da cómoda do tesouro onde
estavam o revólver, o busto dos bigodes, os
livros, abriu-a e pôs a caixa em cima do re-
trato de Dargelos. Foi-a deixando cair, len-
tamente, com a língua de fora, como mulher
que faz um bruxedo, que enterra um alfinete
numa figurinha de cera.

Paulo revia-se no liceu, macaqueando
Dargelos, só a falar em selvagens, em flechas
envenenadas, projectando massacres, para
lhe causar admiração, por um sistema de ve-
nenos na goma das estampilhas, todo lison-
jas para um monstro, sem se lembrar de que

o veneno mata. Dargelos encolhia os ombros, afastava-se, tratava-o de maricas.

Dargelos não tinha esquecido aquele escravo que lhe bebia as palavras. Agora ia coroar as partidas que lhe fizera.

A presença da bola exaltava o irmão. O quarto enriquecia-se com uma força oculta. Aquela bola era como que uma bomba viva da revolução das equipagens, uma dessas jovens russas cujos peitos eram uma estrela de raios e de amor.

Além disso Paulo regozijava-se de poder ostentar o insólito a que Gerardo (segundo Isabel) pretendia furtar Ágata e de desafiá-la.

Isabel, essa, regozijava-se por ver o Paulo de outrora acolhendo o insólito, o perigo, e ainda e sempre com o sentido do tesouro.

Aquela bola simbolizava para ela como que o contrapeso de uma atmosfera mesqui-

na, fazia-lhe ter esperança numa ruína progressiva do reinado de Ágata.

Mas um feitiço não bastava para curar Paulo. Paulo ia-se estiolando, ia emagrecendo, perdendo o apetite, arrastando uma languidez insípida.

A OS domingos conservava-se no palacete o hábito anglo-saxão de dispensar todo o pessoal. Marieta preparava as garrafas-termos, as sanduíches e saía com a sua companheira. O *chauffeur*, que as ajudava nas limpezas, pegava num dos automóveis e vá de carregar quem aparecia.

Naquele domingo nevava. Como o médico lhe recomendara, Isabel, com as cortinas fechadas, descansava no seu quarto. Eram cinco horas, e Paulo dormitava desde o meio-dia. Pedira à irmã que o deixasse só, que fosse para o seu quarto, que obedecesse ao médico. Isabel dormia e sonhava: Paulo estava morto. Ela atravessava uma floresta

em tudo parecida com a galeria, pois, entre as árvores, a luz caía de altas vidraças separadas pela sombra. Via o bilhar, as cadeiras e as mesas no meio de uma clareira, e pensava: «É preciso chegar ao morro». No sonho, o *morro* era o nome do bilhar. Caminhava, esvoaçava, não conseguia alcançá-lo. Deitava-se cheia de fadiga, adormecia. De súbito, Paulo acordava.

— Paulo, exclamava ela, oh! Paulo, então tu não morreste?

E Paulo respondia:

— Morri, estou morto, mas tu também morreste; é por isso que me podes ver. Vivemos sempre juntos.

E voltavam a caminhar.

Depois de muito caminharem, chegavam ao morro.

— Ouve, disse Paulo (Paulo punha o dedo no marcador automático). *Escuta a campanha do adeus*. O marcador marcava com

OS MENINOS DIABÓLICOS

toda a velocidade, enchia a clareira com um crepitar de telégrafo...

Isabel acordou alagada em suor, desvai-rada, sentada na cama. Uma campainha re-picava. Lembrou-se de que não havia cria-dos em casa. Ainda sob o pesadelo, desceu a escada. Uma rajada branca lançou Ágata no vestibulo, desgrenhada, gritando:

— E Paulo?

Isabel voltava a si, despegava-se do sonho.

— Que é isso de Paulo? disse ela. Que tens tu? Paulo queria estar sòzinho. Creio que deve dormir, como de costume.

— Depressa, depressa, soluçava a visita, corramos, escreveu-me que se ia envenenar, que eu chegaria tarde demais, que te afas-taria do quarto.

Marieta tinha deixado a carta em casa dos Gerardos, às quatro horas.

Ágata sacudia Isabel, petrificada, que se

perguntava a si mesma se ainda estaria a dormir, se tudo aquilo não seria a continuação do seu sonho. Por fim, correram as duas.

As árvores brancas, as rajadas, continuavam na galeria o sonho de Isabel e lá adiante o bilhar era ainda o morro, assim como que o vestígio de um tremor de terra, que a realidade não conseguia arrancar do pesadelo.

— Paulo, Paulo! Responde! Paulo!

O recinto, rebrilhante, calava-se. Despedia um cheiro nauseabundo. Mal entraram, deparou-se-lhes o desastre. Um cheiro fúnebre, aquele cheiro negro, avermelhado, de trufa, de cebola, de gerânio, tão conhecido das duas raparigas, empestava o quarto e espelhava-se na galeria. Paulo jazia, embrulhado num roupão felpudo como o da irmã, com as pupilas dilatadas, com a cabeça irreconhecível. A luz leitosa que se derramava do alto, arfando ao ritmo das rajadas, agitava as zonas de sombra sobre uma máscara lívida, em

OS MENINOS DIABÓLICOS

que só o nariz e as maçãs do rosto embaraçavam a luz.

Na cadeira, de mistura, via-se o resto da bola de veneno, uma garrafa e a fotografia de Dargelos.

O cenário de um verdadeiro drama nunca se parece com o que imaginamos. A sua simplicidade, a sua grandeza, os seus pormenores estranhos confundem-nos. As duas raparigas sentiram-se de princípio interditas. Era preciso admitir, aceitar o impossível, identificar um Paulo desconhecido.

Ágata precipitou-se para ele, ajoelhou-se, verificou que ainda respirava. Entreviu uma esperança.

— Lisa, não fiques parada, veste-te, é possível que esta coisa atroz seja uma droga inofensiva. Procura as garrafas-termos, corre, chama um médico.

— O médico está para a caça... balbu-

ciou a pobre rapariga. É domingo... Não há ninguém... Ninguém.

— Procura uma garrafa-termos, depressa! depressa! Paulo respira, está gelado. É preciso uma botija, é preciso que ele beba café a ferver.

Isabel estava admirada com a presença de espírito de Ágata. Como podia ela tocar em Paulo, falar, ter expediente! Como sabia ela que era precisa uma botija! Como podia ela opor forças racionais àquela fatalidade de neve e de morte?

Bruscamente, reagiu. As garrafas-termos estavam no quarto dela.

— Cobre-o! proferiu Isabel do outro lado do recinto.

Paulo respirava. Após quatro horas de convulsões em que perguntara a si mesmo se aquele veneno não passaria de uma droga e se aquela droga, em dose maciça, chegaria para o matar, ultrapassava a agonia. Os seus

OS MENINOS DIABÓLICOS

membros já não existiam. Flutuava, dir-se-ia quase recuperar o seu bem-estar. Mas uma secura interna, uma completa ausência de saliva, tornara-lhe a garganta e a língua de pau, provocara-lhe nos pontos da pele ainda sensíveis uma impressão de coisa compacta, insuportável. Tinha tentado beber. O seu gesto descarrilara, procurara a garrafa fora da cadeira, e breve as pernas, os braços, se lhe paralisaram. Ficou imóvel.

Todas as vezes que fechava os olhos via o mesmo espectáculo: uma cabeça descomunal de carneiro com uma cabeleira grisalha de mulher, soldados mortos, com olhos vagos, a girar lentamente, e cada vez mais depressa, perfilados, de armas em punho, em volta de ramos de árvores a que estavam presos por uma correia firme nos pés. O coração transmitia as pulsações às molas da cama, e delas extraía música. Os braços transformavam-se-lhe em ramos de árvores; a casca cobria-se-

-lhe de grossas veias, os soldados giravam em volta dos ramos e o espectáculo recomeçava.

Uma fraqueza de síncope ressuscitava a neve de outrora, o carro, *aquilo*, quando Gerardo o trouxera à rua Montmartre. Ágata soluçava.

— Paulo! Paulo! olha para mim, fala-me...

Um gosto acre atapetava-lhe a boca.

— Beber... pronunciou ele.

Os lábios pegavam-se-lhe, estalavam.

— Espera um bocadinho... Isabel vai trazer a garrafa-termos. Está a arranjar uma botija.

Paulo voltou:

— Beber...

Queria água. Ágata molhou-lhe os lábios. Suplicava-lhe que falasse, que lhe dissesse o que significava aquela loucura e aquela carta que ela tirava da carteira e lhe mostrava.

— Foi por tua causa, Ágata...

— Por minha causa?

Então Paulo contou, destacando as sílabas, em voz surda, destrambelhada, toda a verdade. Ágata interrompia-o, soltava exclamações, justificava-se. A armadilha descoberta exhibia os seus tortuosos mecanismos. O moribundo e Ágata tocavam-lhes, revolviam, desmanchavam, uma por uma, as engrenagens do mecanismo infernal. Uma Isabel criminosa ressaltava do seu diálogo, a Isabel da noite das visitas, a velhaca, a obstinada Isabel.

Acabaram por compreender tudo, e Ágata protestava:

— É preciso viver!

E Paulo gemia:

— É tarde demais! — quando Isabel, esporeada pelo receio de os deixar sós, entrou com a botija e com a garrafa-termos. Um silêncio fabuloso cedeu o lugar ao cheiro pútrido. Isabel, de costas, sem suspeitar da des-

coberta, mexia em caixas, em frascos, procurava um copo, enchia-o de café. Aproximou-se das suas vítimas. Os olhares delas fixaram-na. Uma vontade feroz soerguia o busto de Paulo. Ágata amparava-o. As duas caras juntas chamejavam de ódio:

— Paulo, não bebas!

O grito de Ágata deteve o gesto de Isabel.

— És doida, murmurou ela, dir-se-ia que o quero envenenar.

— Eras bem capaz disso.

Uma morte se juntava à morte. Isabel cambaleou.

Procurou responder.

— Monstro! Sórdido monstro!

Esta frase terrível na boca de Paulo tinha um acento ainda mais grave, pois Isabel supunha-o sem forças para falar. Todos os seus receios de os deixar sós se justificavam.

— Sórdido monstro! Sórdido monstro!

Paulo continuava, rouquejava, fusilava-a, com um olhar azul, um fogo azul ininterrupto, por entre a fenda das pálpebras. Contrações, tiques, torturavam-lhe a linda boca, e a segura, que estancava a fonte das lágrimas, comunicava-lhe ao olhar uma espécie de relâmpagos febris, uma fosforescência de olhos de lobo.

A neve fustigava as vidraças. Isabel recuou:

— Pois bem, sim, disse ela, é verdade. Tinha ciúmes. Detesto Ágata. Nunca lhe permitiria que te levasse de casa.

A confissão engrandecia-a, enroupava-a, arrancava-lhe o seu traje de mentiras. Os caracóis, atirados para trás pela tormenta, desnudavam-lhe a estreita testa feroz e faziam-na vasta, arquitectural, sobre os olhos líquidos. Só contra todos, ela só e o quarto, desafiava Ágata, desafiava Gerardo, desafiava Paulo, desafiava o mundo inteiro.

Pegou no revólver que estava em cima da cómoda. Ágata bramia:

— Ela vai disparar! Ela vai matar-me! e enclavinhava-se em Paulo, que flutuava.

Isabel nunca se lembraria de disparar sobre aquela mulher elegante. Tinha empunhado o revólver, num gesto instintivo, para pôr fim à sua atitude de espia refugiada a um canto e decidida a vender cara a pele.

Perante uma crise nervosa, perante uma agonia, o seu desafio reduzia-se a nada. A grandeza era inútil.

Então Ágata, pávida, via esta cena súbita: uma demente que se desloca, que se aproxima do espelho, entre esgares, arrancando os cabelos, com os olhos vessos, a língua de fora. Incapaz de resistir mais tempo a uma paragem que não correspondia à sua tensão interna, Isabel traduzia a sua loucura numa pantomina grotesca, como quem procura tornar a vida impossível, por um excesso de ridi-

culo, como quem procura fazer recuar os limites do *vivível* para chegar ao instante em que o drama a expulsasse, incapaz de a suportar por mais tempo.

— Enlouqueceu! Socorro! continuava a gritar Ágata.

A palavra enlouqueceu fez Isabel voltar costas ao espelho, dominou-lhe o paroxismo. Serenou. Apertava a arma e o vazio entre as mãos trémulas. Endireitava-se, com a cabeça baixa.

Isabel sabia que o quarto derivava para o fim por uma rampa vertiginosa; o fim aproximava-se e era preciso vivê-lo. A tensão não afrouxava e Isabel contava, calculava, multiplicava, dividia, lembrava-se de datas, de números de portas, adicionava-os todos, enganava-se, renunciava. De súbito, lembrou-se de que o morro do seu sonho vinha de *Paulo e Virginia*, onde *morro* significava colina. Perguntou a si mesma se o livro se não

passaria na ilha de França. Os nomes das ilhas tomaram o lugar dos números. Ilha de França, ilha Maurícia, ilha de São Luiz. Recitava, confundia, misturava e obtinha um vazio, um delírio.

A sua calma surpreendeu Paulo. Abriu os olhos. Isabel olhou-o, encontrou uns olhos que se afastavam, que se enterravam, onde uma curiosidade misteriosa substituíra o ódio. Isabel, ao contacto daquela expressão, presentiu o triunfo. O instinto fraternal levantava-a. Sem apartar os olhos daquele novo olhar, continuava a sua tarefa inerte. Calculava, calculava, recitava, e, à medida que se alargava o vazio, sentia que Paulo, hipnotizado, reconhecia *aquilo*, regressava ao quarto aéreo.

A febre tornava-a lúcida. Penetrava nos arcanos. Governava as sombras. O que ela até então tinha criado sem compreender, como quem trabalha à maneira das abelhas, tão in-

consciente do seu mecanismo como um internado da Salpêtrière, concebia-o ela agora, provocava-o, tal um paralítico que se ergue ao choque de um acontecimento excepcional.

Paulo seguia-a. Paulo vinha a ela; era a evidência. A sua certeza constituía o tom grave do seu inconcebível trabalho cerebral. Isabel continuava, continuava, continuava, fascinando Paulo com os seus exercícios. Tinha a certeza: Paulo já não sentia Ágata agarrada ao pescoço, já não lhe ouvia os queixumes. Como haviam eles, irmão e irmã, de ouvi-los? Os gritos dela soavam abaixo da escala em que eles compunham o seu cântico fúnebre. Isabel lá ia com a sua presa. Lá ia, e, nos altos patins dos actores gregos, ambos abandonavam o inferno das Átrides. Já não bastava a inteligência do tribunal divino; só podiam contar com o seu génio. Mais alguns segundos de coragem e ei-los que alcançarão o lugar onde as carnes se dissolvem,

onde as almas se desposam, onde o incesto não paira.

Ágata gritava num outro mundo, numa outra época. A Isabel e Paulo era-lhes tão indiferente o seu gritar como os nobres estremecimentos que faziam oscilar as vidraças. A claridade dura da lâmpada substituía o crepúsculo por toda a parte, menos ali onde estava Isabel, que recebia a luz púrpura do farrapo vermelho e com ela se protegia, a fabricar o vazio, a alar Paulo para uma região de sombra, de onde ela o observava em plena luz.

O moribundo estava extenuado. Pendia para o lado de Isabel, para o lado da neve, de *aquilo*, do quarto, da infância. Um fio da Virgem o ligava à vida, prendia-lhe um pensamento difuso ao seu corpo de pedra. Mal via a irmã, uma longa figura clamando por ele. Isabel, tal como uma amante que doma o prazer à espera do espasmo do amante, com o

OS MENINOS DIABÓLICOS

dedo no gatilho, aguardava o espasmo mortal do irmão, gritando-lhe que a seguisse, chamando-o pelo nome, espreitando o minuto esplêndido em que se haviam de pertencer na morte.

Paulo, esgotado, deixou rolar a cabeça. Isabel julgou chegado o fim, apoiou o cano do revólver à frente e disparou. Na queda arrastou um dos biombos, que tombou por cima dela, com um fragor espantoso, pondo à mostra o clarão pálido das vidraças de neve, abrindo no recinto uma ferida íntima de cidade bombardeada, fazendo do quarto secreto um teatro aberto ao público.

Esse público lá estava por detrás dos vidros. Paulo bem o via.

Enquanto Ágata, morta de pavor, calada, via sangrar o cadáver de Isabel, Paulo descobria lá fora, esmagados, por entre sulcos de geada e de neve derretida, os narizes, as faces, as mãos vermelhas da batalha das bolas

J E A N C O C T E A U

de neve. Reconhecia as caras, as capas, os *cache-cols* de lã. Procurava Dargelos. Mas só Dargelos não aparecia. Apenas via o seu gesto, o seu gesto imenso.

— Paulo! Paulo! Socorro!

Ágata tiritita, debruça-se.

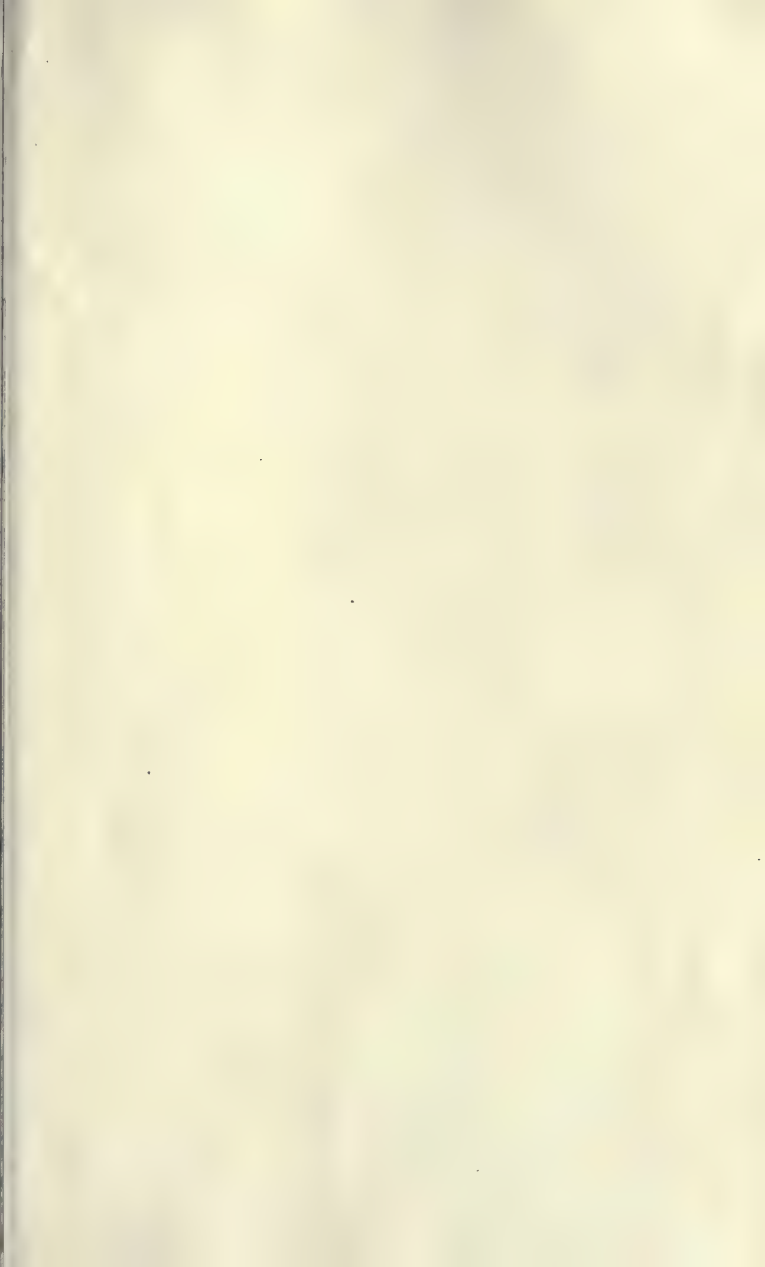
Mas que quererá ela? Que pretenderá ela? Os olhos de Paulo apagam-se. O fio quebra-se, e do quarto que levanta voo nada mais resta além do cheiro infecto e de uma mulherzinha insignificante num refúgio que vai diminuindo, que se vai afastando, que vai desaparecendo.

Saint-Cloud, Março de 1929.

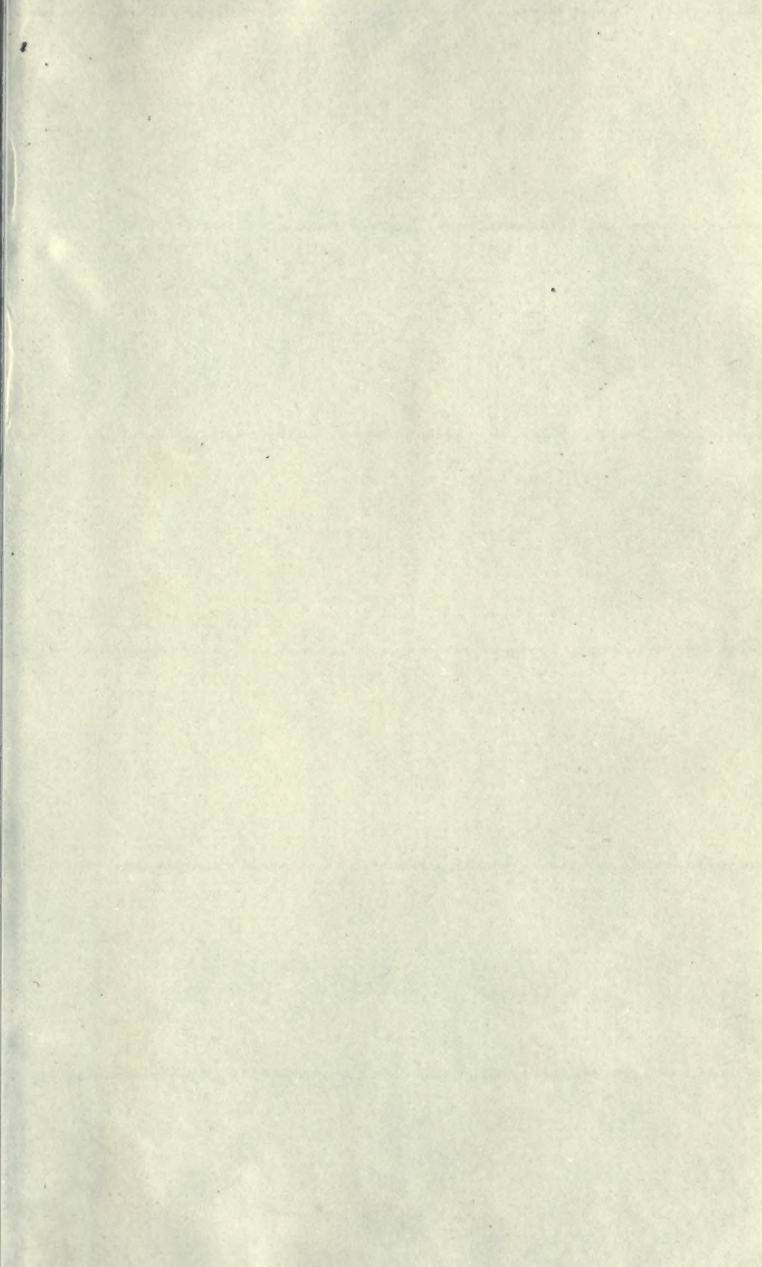
F I M













PQ
2605
015
E6166
19--

Cocteau, Jean
Os meninos diabólicos
3. ed.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

